



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO,
LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

**HEBE CRISTINA MANGUEIRA CARVALHO DE JESUS
JUCILEIDE PEREIRA NUNES LIMA**

**ESPAÇOS APRENDENTES: UM NOVO OLHAR SOBRE
O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS**

Salvador
2015

**HEBE CRISTINA MANGUEIRA CARVALHO DE JESUS
JUCILEIDE PEREIRA NUNES LIMA**

**ESPAÇOS APRENDENTES: UM NOVO OLHAR SOBRE
O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS**

Projeto de intervenção apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr. Maria Roseli Gomes Brito de Sá

Salvador
2015

**HEBE CRISTINA MANGUEIRA CARVALHO DE JESUS
JUCILEIDE PEREIRA NUNES LIMA**

**ESPAÇOS APRENDENTES: UM NOVO OLHAR SOBRE
O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS**

Projeto de Intervenção apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação da Universidade Federal da Bahia

PROJETO DE INTERVENÇÃO APROVADO EM 15/10/ 2015

Banca Examinadora

Maria Roseli Gomes Brito de Sá – Orientadora
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Ana Katia Alves dos Santos
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Emanuela Oliveira Carvalho Dourado
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Salvador
2015

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A TECELAGEM DOS NÓS	12
2.1 O tecer dos fios na/da escola José Francisco Nunes.....	18
2.2 O saber fazer dos espaços do planejamento.....	22
3. DESVELANDO OS ESPAÇOS NA ESCOLA JOSÉ FRANCISCO NUNES	33
3.1 Espaços externos.....	34
3.2 Sala de Professores.....	37
3.3 Laboratório de Informática.....	39
3.3.1 Laboratório - um lugar praticado.....	41
3.4 Biblioteca.....	47
3.5 Sala de Aula.....	50
4. NA TRILHA DA PESQUISA	53
4.1 Atividade curricular como procedimento metodológico – A Desconferência.....	58
4.2 A observação de espaços e práticas.....	64
4.3 Conversa com professores na escola.....	67
5. PARA ONDE APONTA A TRILHA	90
5.1 Espaços Aprendentes.....	92
6. PARA UMA NECESSÁRIA INTERVENÇÃO	97
6.1 Uma intervenção, um caminho a trilhar para a prática de espaços aprendentes.....	102
6.2 Chegar a uma conclusão, não! Outras ideias e ações surgirão.....	107
REFERÊNCIAS	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CETEB - Centro Tecnológico de Brasília

CNE - Conselho Nacional de Educação

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMITEC - Ensino Médio com Intermediação Tecnológica nas Escolas do Campo

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia

IBS - Instituto Brasil Solidário

MEC - Ministério da Educação e Cultura

NEE - Necessidades Educativas Especiais

ONG - Organização Não Governamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFA - Programa de Formação de Professores Alfabetizadores

PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia Educacional

RIPE - Rede de Intercâmbio de Produções Escolares

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Entrada da escola José Francisco Nunes.....	35
FIGURA 02 – Sala dos professores.....	37
FIGURA 03 – Laboratório de informática.....	39
FIGURA 04 – Biblioteca.....	47
FIGURA 05 – Sala de aula.....	50
FIGURA 06 – Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Trilha	73
FIGURA 07 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Pensamento.....	74
FIGURA 08 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Neurônios.....	77
FIGURA 09 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Globalização.....	78
FIGURA 10 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Lâmpada.....	80
FIGURA 11 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Quebra cabeça.....	82
FIGURA 12 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Por do Sol.....	84
FIGURA 13 - Imagem retirada da internet que o professor utilizou como pseudônimo: Rodovia.....	86

JESUS, Hebe Cristina mangueira Carvalho; LIMA, Jucileide Pereira Nunes. Espaços Aprendentes: um novo olhar sobre o planejamento das ações pedagógicas. 109 f. 2015. Projeto Intervenção (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2015.

RESUMO

Este estudo versa sobre o planejamento das ações pedagógicas para fomentar como os espaços escolares podem se tornar espaços aprendentes, na escola José Francisco Nunes, povoado de Itapicuru, Município de Irecê- Bahia. O estudo foi desenvolvido durante doze meses e teve como objetivo investigar como os professores percebem os espaços da escola, e a relação que fazem com o planejamento das ações pedagógicas. Para a realização da investigação foi criada uma região de inquérito no sentido de apreender o fenômeno, o qual foi abordado, em termos metodológicos, por meio de observações, conversas com professores – que envolveram entrevistas e relatos de memória – e mais duas atividades coletivas que receberam o nome de Instalação e Desconferência do/no Cotidiano Escolar com o objetivo de levantar, junto a professores das redes municipais do território de Irecê, elementos que pudessem alimentar as interpretações e ação posterior sobre o tema em estudo. O trabalho permeia pela abordagem qualitativa, com fundamentos na fenomenologia. Com o projeto de intervenção, que é o produto desta pesquisa de mestrado profissional deseja-se proporcionar condições para que os profissionais da escola percebam que mesmo diante de muitos desafios é possível transformar os espaços da escola, com a soma dos conhecimentos individuais e coletivos para intervir de forma que possam (re)interpretar, (re)criar, (re)inventar, inovar os espaços da escola, amenizando a fragmentação do currículo escolar e possibilitar aprendizagens por meio da articulação de saberes e espaços que se pretende sejam espaços aprendentes.

Palavras-chave: Ambiente escolar; Aprendizagem; Planejamento.

JESUS, Hebe Cristina mangueira Carvalho; LIMA, Jucileide Pereira Nunes. Espaços Aprendentes: um novo olhar sobre o planejamento das ações pedagógicas. 109 f. 2015. Projeto Intervenção (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2015.

ABSTRACT

This study deals with the planning of educational activities to foster such as school spaces can become spaces learners at school José Francisco Nunes, populated by Itapicuru, Municipality of Irecê- Bahia. The study was conducted for twelve months and aimed to investigate how teachers perceive the school spaces, and the relationship that make the planning of educational activities. To carry out the investigation an inquiry region was created in order to grasp the phenomenon, which was addressed in methodological terms, through observations, conversations with teachers - involving interviews and memory reports - and two more collective activities received the installation name and the unconference / in Everyday School in order to raise, with teachers of municipal networks in the territory of Irecê, elements that could feed the interpretations and subsequent action on the subject under study. The work permeates the qualitative approach, with fundamentals in phenomenology. With the intervention project, which is the product of professional master's research is desired to provide conditions for school professionals realize that even in the face of many challenges you can turn the school space, with the sum of individual and collective knowledge to intervene so that they can (re) interpret, (re) create, (re) invent, innovate school spaces, softening the fragmentation of the curriculum and enable learning through the articulation of knowledge and spaces intended to be learners spaces.

Keywords: School environment; Learning; Planning.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada, realizada com vistas ao presente Projeto de Intervenção é parte do trabalho que foi desenvolvido durante o Mestrado Profissional em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, vinculado ao programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, o qual teve o objetivo de perceber que é possível transformar os espaços da escola, de modo que sejam somados os conhecimentos individuais aos coletivos para intervirem de forma que possam (re)interpretar, (re)criar, (re)inventar, inovar os espaços existentes, minimizando a fragmentação do currículo escolar.

A escolha do nosso objeto de estudo – os espaços de planejamento como espaços aprendentes – emergiu quando iniciamos nossas visitas nas escolas para levantar aspectos problemáticos a serem pesquisados a ponto de gerar um projeto de intervenção. Sendo assim, foram meses estudando a “Região de Inquérito” (MACEDO, 2004) na tentativa de não só perceber o que os sujeitos que compõem o cenário escolar tinham a declarar sobre as suas experiências, mas também o que os incomodava e como essas indagações vinham ao encontro do nosso olhar de docentes dessas escolas, agora na condição de pesquisadoras.

Identificamos na Escola José Francisco Nunes aspectos propícios para nosso campo de estudo e intervenções por várias razões: uma de nós atuar nessa escola desde 1992 até a atualidade; ser uma escola que apresenta em suas memórias projetos que envolveram a comunidade local; ter identificado nessa escola, ao longo de nossas visitas iniciais, em caráter exploratório, tanto a visão crítica de professores e estudantes quanto um desejo de buscar novos horizontes; como a predisposição em desenvolver ações que pudessem contribuir com o novo caminhar pedagógico.

Um dos aspectos que emergiram como mais prementes foi o planejamento das ações pedagógicas e a configuração dos espaços em função desse processo, o que nos levou a estudar as possibilidades de desenvolver ações que tornem os espaços de planejamento, *espaços aprendentes*.

O texto apresenta o nosso percurso de estudos até chegar às proposições de uma intervenção. Assim, a primeira seção, intitulada - *A Tecelagem dos nós* apresenta um breve panorama da educação de Irecê nos últimos anos, como estão organizados os momentos de planejamento em rede e como estes são desenvolvidos, pensados dentro das escolas. Para melhor desenvolver a problemática do estudo, damos um *zoom* no cotidiano da Escola José Francisco Nunes, campo específico de nossas investigações e posterior intervenção e a partir de levantamento de situações desse cotidiano, apresentamos as conceituações básicas de planejamento, de espaço, de espaço aprendente que embasam o trabalho.

Na segunda seção, *Desvelando os espaços da escola*, descrevemos os diversos espaços da Escola José Francisco Nunes: espaços externos, sala de professores, biblioteca, sala de aula, laboratório de informática e ressaltamos um momento de suma importância na descrição desses espaços, o qual traz como tópico: laboratório - um lugar praticado, por apresentar nas memórias desta escola, características do que estamos denominando de espaços aprendentes.

Apresentamos a terceira seção a qual nomeamos o título de - *Na trilha da pesquisa*, delinea-se o processo metodológico, revela a inspiração fenomenológica para interpretação dos dados e aponta os procedimentos metodológicos usados para levantar, junto a professores da rede e mais detidamente a professores da Escola José Francisco Nunes, os elementos que vieram a compor a proposta de intervenção.

Finalizamos com a seção intitulada - *Para uma necessária intervenção*, quando sistematizamos as propostas de ações levantadas junto aos professores da escola para proporcionar mudança no cotidiano com o objetivo de agir socialmente a partir de os transbordamentos surgidos nos espaços praticados. Posto isso, é urgente o desenvolvimento do senso da coletividade para inovar os espaços, com isso provavelmente será possível ousar, (re)criar, (re)interpretar, (re)inventar práticas cotidianas que darão movimento para um novo a-con-tecer nos espaços das escolas, visto que serão tecidos e (re)tecidos com os usos e interações existentes.

2. A TECELAGEM DOS NÓS

[...] a prática que interessa é aquela narrada pelos praticantes a partir da memória que têm dos processos curriculares variados, tanto passados, como presentes, compreendendo que as possíveis práticas futuras têm a ver com as marcas criadas, conscientes ou não, nesses processos, e a sua superação, no confronto com outras tantas práticas.
Nilda Alves.

A nossa itinerância nos mais diversos percursos do/no cotidiano das escolas da Rede Municipal de Irecê fazem vir à tona a fragmentação dos tempos/espacos decorrentes de uma organização escolar e de uma estruturação curricular que dificulta a integração e a troca de informações entre os professores, para pensarem em ações que proporcionem a aprendizagem dos estudantes.

O que encontramos ao longo dos anos das nossas experiências na função de professoras, coordenadoras, vice-diretora e também diretora foram práticas de planejamentos que ora passavam por uma reflexão e busca por procedimentos que viessem a atender as necessidades educativas, ora por planejamentos sem movimento, sem ideais para nortear as ações das aprendizagens dos estudantes.

Em quase duas décadas de estudo e trabalho na Rede Municipal de Irecê é possível perceber quantas conquistas e avanços ocorreram no campo da educação. Se hoje temos a necessidade de estudar sobre os espaços ensinantes e como estes podem ser espaços aprendentes, esta inquietude não partiu do vazio, mas de experiências profissionais, de estudos sobre o que podemos fazer, como os estudantes podem criar e dar significados para os espaços de convívio coletivo, que eles sejam realmente produtores de conhecimentos, e não se contentem em apenas consumir, muitas vezes um produto de má qualidade.

Como professoras efetivas, conhecedoras dos avanços do ensino público em Irecê, não podemos deixar de registrar o percurso de algumas ações que

fizeram parte da construção educacional do nosso município e o quanto foi importante acreditar e lutar por uma educação de qualidade.

É sabido que ainda temos muito a caminhar, mas visitar nossas memórias é ter a certeza que apesar das dificuldades, das limitações, das incertezas, das inseguranças, dos erros, das nossas fragilidades literárias, acreditar e conquistar uma educação pública de qualidade é possível.

O nosso caminhar profissional atualmente é instigado pela relação entre estudantes, professores, saberes e espaços, na busca de estratégias e práticas educativas que provoquem o desejo de conhecer cada vez mais o mundo. Que sejamos capazes de fazer a diferença nos espaços escolares, que tenhamos a autonomia e ousadia para criar contextos significativos, em que os estudantes sintam-se atores e autores do seu desenvolvimento intelectual.

Assim, revisitamos nossas memórias para repensar, reavaliar, ressignificar nossas ações, nossos planejamentos, o nosso caminhar como profissionais da educação. Desta maneira, começamos por relatar que vivemos no município de Irecê que está localizado ao Noroeste do Estado da Bahia, a 476 km da capital, Salvador, e que temos na nossa história, avanços no campo educacional.

A região de Irecê ficou conhecida nacionalmente na década de 1970 por ter um dos maiores polos de produção de feijão e outros grãos, como a mamona, por exemplo. Sua base econômica é voltada para a agricultura; seu povo tem características fortes, é lutador e persistente, pois, mesmo passando por sérios problemas econômicos desencadeados pela falta de chuva e, conseqüentemente quebra de safra, continua mantendo a coragem de lidar com a terra.

Retomando a situação do município de Irecê na década de 1990, pôde-se observar avanços no campo educacional que tem ressonâncias até aos dias atuais, como incentivo à formação inicial e continuada para os professores,

programas sociais para atendimento aos alunos em situação de risco e centro de acompanhamento a alunos com necessidades educativas especiais.

A organização escolar da Rede Municipal de Irecê foi estruturada em ciclos, rompendo sobremaneira, com o modelo considerado arcaico pela proposta curricular implementada em dezembro de 2000 e organizada da seguinte forma: a educação infantil no 1º ciclo (0 a 3 anos) e o 2º ciclo (4 a 5 anos); o Ensino Fundamental I no 1º ciclo (6, 7 e 8 anos) e o 2º ciclo (9 e 10) antecipando, a efetivação do ensino de 9 anos pela Lei N° 11.274 de 6 fevereiro de 2006.

É mister ressaltar que a organização em ciclo não foi algo fácil de ser compreendida e aceita pelos professores; inicialmente trabalhávamos com as velhas práticas e dávamos nomes novos. Aos poucos, após inúmeras ações de formação continuada, o planejamento na escola ganhou outro significado, não mais o de uma ação estática, mas sim o de fazer a articulação dos saberes escolares às necessidades concretas de vida dos alunos; ou seja, ganhou movimento.

Mensalmente os professores do Ensino Fundamental I se reuniam com a consultora da Avante Qualidade Educação e Vida – ONG que prestou consultoria à Secretaria de educação do município na década de 1990 – para discutir o que fazer e como fazer nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática atribuindo significado para atender à função social da leitura e escrita em todos os contextos.

Salientamos que o planejamento desenvolvido nessa época foi pensado e executado inicialmente em duas escolas-piloto, a Escola Municipal Duque de Caxias e a Escola Municipal Padre Cícero, na sede e concomitantemente na zona rural, e gradativamente ano a ano ampliava-se o número de escolas-piloto. As experiências desenvolvidas nessas escolas eram compartilhadas bimestralmente em reuniões com a participação de todos os professores do

Ensino fundamental I, para se discutir a prática pedagógica com a nova concepção de ensino apresentada, o construtivismo.

A necessidade de sistematizar detalhadamente todas as ações que estavam descritas em linhas gerais no Plano Municipal de Educação, que fora construído nos anos de 1996 e 1997, proporcionou a oportunidade de educadores pensarem e construírem uma proposta curricular que atendesse aos anseios e às demandas que delineavam o contexto da época. E assim foi criado um grupo composto por 53 professores que fizeram parte da elaboração da proposta curricular, e outro grupo com 14 professores colaboradores sob orientação da consultoria da Avante.

Na caminhada do processo formativo como ressonância dos estudos realizados pelos docentes e a necessidade de sistematização do planejamento, verificava-se os objetivos propostos eram contemplados, no que tange a do percurso e redirecionamento das ações. Assim, em 2003, a equipe técnica da secretaria de educação elaborou o documento intitulado “Proposta de Avaliação dos Processos de Ensino e Aprendizagem” (IRECÊ, 2003).

A Secretaria Municipal de Educação ofereceu ao longo dos anos vários cursos de formação para os professores, tanto por meio de inscrição em programas federais e estaduais como em parcerias com ONGs. Assim tivemos, de acordo com Dourado (2009), ações do Programa Todos pela Educação do Município – UNICEF/AVANTE – ONG – Educação, Qualidade e Vida (1997/1998); Aceleração de Aprendizagem – Instituto Ayrton Senna / Petrobras/CETEB – Centro Tecnológico de Brasília (1997/2004); Parâmetros em Ação – SEF/MEC (2000/2002); PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – SEF/MEC (2002); Proformação – SEF/MEC (2000/2005); Programa Continuado de Formação de Professores – Faculdade de Educação da UFBA (2003/2012); Programa de Pós Graduação lato sensu e stricto sensu (2009/atual).

O projeto que possibilitou a formação dos professores em nível superior, como citado anteriormente, foi uma conquista que em meio às ações de formação continuada, os professores da Rede Municipal de Ensino de Irecê lutaram junto com a secretaria de Educação. O desejo pela formação tinha consonância com a Lei N° 9394/96 em seu art. 62 que propõe,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013, BRASIL).

O programa de Formação de Professores estabelecido em parceria entre a Prefeitura Municipal de Irecê e a Universidade Federal da Bahia em 2003, mais conhecido como Projeto Irecê, que ofereceu, entre outros projetos, o curso de Pedagogia para as séries iniciais do Ensino Fundamental, veio atender essa demanda da formação.

Esta formação também está garantida na Lei Municipal N° 686/2002 no art. 1º no inciso V “a graduação de profissionais de nível superior, com ênfase na educação à distância, através de convênios com instituições de Ensino Superior devidamente credenciada pelo MEC/CNE”. Assim também comunga com a Resolução N° 01/2007 com o art. 13 “Os docentes, para atuarem na Educação Infantil, serão prioritariamente formados em Curso de Pedagogia [...]”.

O “a-con-tecer¹” na Rede Municipal de Educação de Irecê é muito dinâmico, principalmente após as ressonâncias do Projeto Irecê realizado pela Faculdade de Educação da UFBA. Um dos desdobramentos desse projeto foi o Curso de Especialização em Currículo Escolar, cujo Projeto pedagógico propunha a

¹ A-con-tecer é um termo cunhado por Maria Inez Carvalho a partir de estudos de prigoginianos da Teoria das Possibilidades/atualizações na vertente defendida pelo prof. Felipe Serpa de que o mundo funciona como um jogo em que se vão precipitando (atualizações/emergindo) as diversas possibilidades postas. (A Pedagogia do A-con-te-cer <https://twiki.ufba.br>)

revisão das propostas curriculares do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a elaboração da proposta curricular para o ensino fundamental II.

Os cursistas da primeira turma de Especialização em Currículo Escolar, concluída no ano de 2011 desenvolveram oficinas abertas para todos os docentes da Rede de Educação de Irecê, a fim de obterem contribuições para elaboração de uma proposta coerente, coesa e aplicável para a nossa realidade local.

Não se pode negar que a trajetória da Rede Municipal de educação de Irecê tem uma história no que se refere à formação, que, talvez, nenhuma outra tenha. São formações direcionadas para todas as áreas, como pessoal de apoio, alimentação, gestão, docência, secretárias, dentre outras. Nesse sentido, em 2005 as equipes gestoras de todas as escolas municipais (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos) que na época ainda faziam parte dos cargos comissionados da prefeitura, tiveram que elaborar um projeto de gestão e passar por uma banca examinadora para apresentá-lo. Era uma espécie de curso-concurso para essas pessoas se manterem nos referidos cargos.

Para participar de tal seleção os candidatos deveriam obedecer a determinados critérios, a saber: ser efetivo² da rede municipal de Irecê, ser pedagogo ou especialista em alguma disciplina com pós na área de gestão. O objetivo maior desse curso-concurso era garantir que pessoas aptas participassem das eleições para ocupar o cargo de gestor escolar.

² Importante destacar que foi uma conquista ao ficar prescrito que somente os professores efetivos poderiam assumir os cargos de gestão, haja vista, que anteriormente qualquer pessoa, mesmo não pertencendo ao quadro do funcionalismo público poderia assumir a gestão das escolas, o que na sua maioria colocava à frente das escolas pessoas descompromissada com a educação e alheias aos processos educacionais.

Essas formações contribuíram para a reflexão-ação-reflexão da práxis pedagógica, no entanto a ressonância no chão da escola ainda requer um caminho a ser construído, um fazer instituinte.

Dialogando com Serpa (2000) percebemos que “um fio de tecido modifica o sentido e o significado de todos os fios da teia”. Para tanto a modificação dos fios tecidos ao longo dos meses em uma teia coletiva, talvez, eles terão um novo significado ou não, poderão ser apenas fios que foram tecidos um dia, mas que perderam o rumo.

Nesse tecer dos fios, inclui-se a mais recente formação para professores, o Mestrado Profissional em Educação: Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, podendo possibilitar um caminhar de reflexão na ação para ressignificar, reavaliar, repensar o que temos hoje nas escolas e suas nuances e o que precisamos fazer para que as escolas do município de Irecê atendam a demanda de conhecimentos e saberes do mundo.

Diante dos nossos estudos e vivência dentro das escolas municipais de Irecê, percebemos que a Rede reclama pela efetivação e o respeito pela proposta curricular, sistematizando os elementos da prática educativa de qualidade, pautada na reorganização do tempo/espço escolar, na perspectiva do ciclo de formação que propõe rupturas ao modelo tradicional de se conceber a escola, a formação e a prática pedagógica.

Percebemos também que os caminhos pedagógicos são permeados por dúvidas, incertezas, refazer, pois não existe a receita certa para se construir conhecimentos. Os contextos exigem que as trilhas sejam metamorfoseadas pela busca do conhecimento. Sendo assim, nesse caminhar sentimos a necessidade de pesquisar como os espaços escolares podem ser *espaços aprendentes* por meio de um planejamento compartilhado.

2.1O TECER DOS FIOS NA/DA ESCOLA JOSÉ FRANCISCO NUNES

Pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez [...].

Joel Martins.

Durante o nosso mergulho no cotidiano da escola José Francisco Nunes ficou perceptível que o conceito de planejamento e plano não são claros para alguns professores, uma vez que são utilizados como sinônimos. As expressões: “meu planejamento já foi feito, agora é só colocar em ação”, “esqueci meu planejamento na sala e não consigo dar aula sem ele”, nos remeteu a frisar estes termos para compreender a diferença e também a interligação na práxis docente.

O planejamento vai além do que está escrito, do que é listado para trabalhar com os estudantes, visto que é derivado de uma série de ações, ainda que sejam inconscientes: a reflexão articulada efetivada com as experiências dos fazeres em sala de aula ou até mesmo questionados. O planejamento pensado assim é uma reflexão cotidiana, portanto,

[...] é, pois um (re)pensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. [...] Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar. (SAVIANI, 1987, p.23).

O planejamento é um processo que exige uma reflexão filosófica, articulada com os “saberesfazeres” desenvolvidos de maneira minuciosa para atender as necessidades para quem foi planejado. Assim Saviani coloca:

[...] para que a reflexão seja considerada filosófica, ela tem de preencher três requisitos básicos, ou seja, ser:

- "radical" - o que significa buscar a raiz do problema;
- "rigorosa" - na medida em que faz uso do método científico;
- "de conjunto" - pois exige visão da totalidade na qual o fenômeno aparece. (SAVIANI, 1987, p. 24).

Fusari (1989) vem corroborar afirmando que o planejamento é o processo de pensar “radical”, “rigorosa e ”de conjunto” não somente os problemas de ensino e aprendizagem, porém, da educação. Assim é um processo muito amplo porque abarca elaboração, execução e avaliação de planos de ensino.

O plano de ensino, por sua vez, é a documentação de todo o processo educacional escolar, elaborado pelos docentes contendo as suas propostas de trabalho de uma disciplina específica ou área de conhecimento.

Consideramos que o planejamento é uma tessitura inacabada de fios, que não se restringe simplesmente ao ato de planejar, como por exemplo, transcrever as atividades do livro para o caderno, mas uma relação dialógica entre professor e aluno.

Fazenda (1999, p. 29) afirma que “O diálogo, a ousadia da busca e da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”. É no espaço/tempo do planejamento que se pode abordar os vários campos do conhecimento, através da interação entre professores das diversas áreas e seus saberes.

Encontramos em Vasconcellos (2006) que o professor é o sujeito de transformações mais radicais, principalmente atribuindo novos sentidos nos vários aspectos e dimensões, tanto na forma do fazer pedagógico quanto nas relações existentes. Dessa forma, *como o professor da Escola José Francisco Nunes efetiva seu planejamento? O planejamento permite ao outro a condição de ser um sujeito transformador?*

Essas indagações se pautam na seguinte definição de planejamento:

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (MENEGOLLA e SANT’ANNA, 2008, p.40).

A ação de planejar é de suma importância, uma vez que possibilita o

movimento representado pela ideia do que se quer fazer, como fazer e para que fazer. Além dessas intervenções, o planejamento pode ser um rico instrumento de apoio pedagógico para o professor, com ele as ações são desenvolvidas mediante a realidade, analisando o caminho e o contexto que se tem e o que se quer transformar.

Em nossas observações na escola pesquisada, percebemos que o acontecer do planejamento, na sua maioria, é uma ação solitária, em que talvez se perda a oportunidade do planejamento participativo e articulado, que poderia ser um momento de construção de significados, troca de experiência entre os colegas e coordenação, momento de sistematizar ações.

Ter a oportunidade de planejar no coletivo é um grande ganho, pois as mudanças no fazer e as mudanças no ser, para fazer coisas diferentes para transformar a realidade existente (GANDIN, 2001), passa também pela troca de informações com o outro, com a reflexão sobre os diversos pontos de vista, vivenciando o cotidiano da prática social docente, em um processo de reflexão não de qualquer jeito, mas articulado, crítico e rigoroso (FUSARI, 2008).

Contudo, o que diagnosticamos foi a falta de diálogo entre os professores com professores; professores com coordenação. Não há oportunidade de planejar no coletivo, o que torna difícil entrelaçar as ideias para promover o desenvolvimento de um trabalho coletivo pensando em todos os espaços da escola.

Essa falta de oportunidade pode estar atrelada à própria estruturação da divisão dos dias de planejamento de acordo com a disciplina lecionada, o que leva a uma preocupação dos professores com o cumprimento apenas de atividades livrescas, que nem sempre apontam os problemas encontrados no decorrer do ensino.

No entanto, apesar do livro didático ser o referencial para o planejamento, há uma preocupação visível com a aprendizagem durante o ato de planejar. Os professores relatam que gostariam de saber o que e como fazer para diminuir a indisciplina que muitas vezes é desencadeada pela metodologia que está sendo trabalhada; falam que as aulas são sempre iguais e desinteressantes, mas que precisam de ajuda para fazer diferente.

Salientamos um dos momentos de planejamento na escola, no qual presenciamos uma conversa entre um professor e o coordenador que se limitava a discutir o calendário escolar, especificamente os eventos, sem levar em conta as dimensões sociais, pedagógicas, políticas, econômicas e/ou culturais que são determinantes para a cultura organizacional da escola, desde a participação dos pais à dos professores.

As observações permearam por inúmeros momentos de ouvir e/ou observar e/ou dialogar com os professores, que nos permitiu fazer vários registros no diário de campo e trazer a fala de uma das professoras³ que assim se posicionou:

A escola deveria organizar momentos de planejamento que permitissem trocas entre todos os professores, pois na escola existem professores que lecionam a mesma disciplina, porém, não ficam sabendo o que o outro está trabalhando. (Trilha, fevereiro 2015).

Diante da complexidade do cenário encontrado, surgem vários desafios, como encontrar um denominador comum para os encontros coletivos; a necessidade de repensar metodologias. Assim como ousar em fazer dos espaços da escola espaços de aprendizagem, onde o estudante aprenda nesses espaços e os espaços sejam ensinantes.

³ Utilizamos o pseudônimo adotado pela professora e a data de registro.

2.2 O SABER FAZER DOS ESPAÇOS DO PLANEJAMENTO.

Fios de texturas e espessuras diferenciadas. Ao semelhantes, dar-se os nós, tecendo uma outra trama. Aos antagônicos, abandona-se, esgançando ideias antes tecidas. Algumas tramas já tecidas, são desatadas, destecidas e alguns e seus fios, ainda que seja um só, são atadas a outros, formando novos nós, novas tramas.
Joanir Azevedo.

O termo espaço possui muitas definições a depender das concepções de cada área. Na busca ao dicionário encontramos “s.m. 1. Distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados. 2 lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área pode conter algo. 3. A extensão onde se situa a Terra, o sistema solar, Via Láctea, e ou as outras galáxias; o universo[...]” (FERREIRA, 2011, p. 388).

A concepção contida nos sinônimos nos dá a ideia de espaço sem movimento, pois demarca delimitação que dificulta a interação com o outro. Desde os nossos primeiros passos na Escola José Francisco Nunes, observamos e nos questionamos sobre *qual o conceito de espaço que permeia as ações dos professores e estudantes? Os sujeitos que compõem o cenário desta escola concebem-na como lugar praticado, de acordo com a concepção de Certeau (1998)?*

Em consonância com Certeau (1998, p. 200) o espaço é tratado nesta pesquisa como “[...] movimento, ações dos sujeitos históricos [...]”. Estudando Certeau, compreendemos que "lugar" é a delimitação física, estável e o "espaço" é a ocupação deste lugar, dando movimento e subjetividade. E, é sobre esses e nesses espaços que debruçamos nossos estudos.

O conceito de espaço inovador que caracteriza a educação é apresentado por Milton Santos como:

Um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e sociais e, de outro, a vida, que os preenche e anima, ou seja, a sociedade, em movimento (o conteúdo), a sociedade não é independente

da forma (os conteúdos geográficos) e cada forma encerra uma fração de conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isso: um conjunto de formas, contendo cada qual frações da sociedade em movimento (SANTOS, 1997, p. 26-27).

Essas características do conceito de espaço defendido por Milton Santos são comuns à educação, partindo do princípio de que as vivências dos diferentes espaços se movimentam e entrelaçam configurando interações que podem trazer à tona conhecimentos novos. Assim, esta concepção de espaço permeia a compreensão por todos os protagonistas da educação, de forma que o mesmo seja realmente unívoco de grandes transformações nas vidas dos estudantes, desde a idade mais tenra até a adulta.

A tecelagem dos nós tem certos caprichos técnicos que interrogam às inconstâncias educacionais do contexto pesquisado. Durante o percurso os nós se tecem, destecem e retecem no cotidiano escolar ao encontro da produção de sentido nos *saberesfazeres* do coletivo.

Esta tecelagem é importante porque articula e desarticula para proporcionar a compreensão do campo de pesquisa, fazendo-se necessário contextualizar a organização da Rede Municipal de Educação de Irecê, no que tange aos espaços de planejamento. Assim, podemos discorrer que a secretaria de Educação divulga no mês de janeiro o calendário letivo, iniciando seus trabalhos coletivos com a jornada pedagógica, em que reúne todas as escolas da sede e do campo para planejarem em um só espaço (ou lugar?).

Nos primeiros dias da jornada pedagógica, são ministradas palestras para todos os professores, cujo tema é escolhido *a priori* pela equipe técnica da Secretaria de Educação. Em um segundo momento os professores são subdivididos por segmentos e/ou área do conhecimento para construir um plano em Rede, em que acontece uma seleção de conteúdos seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Após o término do plano em Rede, os professores iniciam um processo de planejamento do ano letivo dentro das suas respectivas unidades de ensino.

Na jornada pedagógica que abriu o ano letivo de 2015, o planejamento proposto pela coordenação da Escola José Francisco Nunes teve como pauta, a análise do projeto de leitura da escola, revisão do regimento interno, planejar a primeira semana de aula e apresentação dos resultados do ano anterior com o intuito de promover, por meio do planejamento, uma melhoria da práxis e da aprendizagem.

Partindo desse princípio, no nosso ponto de vista de pesquisadoras, esse espaço proporcionou uma dinâmica para reflexão da escola e poderia ter desencadeado ações para ressignificar espaços aprendentes e desta maneira criar possibilidades para melhoria dos baixos índices de aprendizagem apresentados pela coordenação, nesse primeiro dia de planejamento *in loco*.

No entanto, o que presenciamos nesse espaço de planejamento foram professores no “muro das lamentações”, ou seja, foi relatada a falta de interesse dos estudantes, o não fazer das atividades propostas pelos professores, à falta constante de material básico como papel ofício, alto índice de indisciplina e tantos outros fatores que refletiram negativamente nesse espaço de planejamento. A tônica predominante não foi o planejamento, mas uma seleção de conteúdos que antecedeu aos objetivos, reduzindo assim, a jornada a mera listagem de conteúdos.

Dialogamos com o coordenador da Escola Francisco Nunes sobre a proposta pedagógica e percebemos que o construtivismo é a concepção que embasa a filosofia desta escola. Sendo assim, *o que justificaria tal atitude dos professores? A ausência da apropriação desta filosofia será por comodismo, visto que, elencar conteúdos é mais cômodo que refletir, analisar, avaliar, reavaliar e mediar situações que possibilitem transformar lugares em espaços aprendentes?*

Defendemos os espaços aprendentes na escola, por acreditar que a utilização de diversos espaços planejados possam contribuir para a aprendizagem que foi preconizada por David Ausubel, que se efetiva de acordo com a prática pedagógica do professor, pois a aprendizagem nova requer uma ancoragem oriunda dos saberes não oficiais dos estudantes, ou seja, o levantamento dos conhecimentos prévios, denominado por Moreira e Masini (1982) como organizadores prévios que se constituem para desenvolver conceitos subsunçores que tragam uma aprendizagem vindoura.

Esses organizadores prévios seriam a inserção de materiais escritos, conversa entre professor e aluno, interação no seio da família, funcionaria como uma ponte entre o que o estudante sabe e o que poderá vir a aprender, entre os diversos espaços e suas construções de significados, possibilitando uma relação mais íntima do estudante com seu objeto de estudo.

Quando o processo de ensino e aprendizagem considera os organizadores prévios, age sobre a "Zona de Desenvolvimento Proximal" do aluno, conceito desenvolvido por Vygotsky (1998) compreendido como a distância entre seu desenvolvimento real, que pode ser determinada através de uma solução independente de problemas e o seu nível de desenvolvimento potencial, determinado assim pela solução de problemas sob a coordenação de um adulto e/ou em colaboração com os colegas mais experientes.

É essa trajetória que os sujeitos percorrem para desenvolver as suas funções cognitivas, as quais estão em processo de amadurecimento para serem consolidadas. Neste movimento existe uma metamorfose constante que interfere no processo de construção do conhecimento.

Vygotsky (1998) e Wallon(1989) possuem ideias comuns quanto à importância da relação do outro no processo de aprendizagem, visto que existe de um lado o desenvolvimento intelectual e cognitivo e do outro o desenvolvimento afetivo e subjetivo, que traz o convite para se pensar não somente enquanto unidade,

mas nas suas relações que não são constantes. É nas idas e vindas que se desenvolvem, se transformam e o objeto das diferentes zonas proximais se constitui, surgindo um conhecimento novo.

É sabido que esses autores fazem parte de concepções teóricas que se sincronizam na construção do conhecimento, pois as estruturas cognitivas são transformadas a partir de um (re)descobrimto que deixa o ato de aprender mais prazeroso, deixa de ser uma aprendizagem mecânica para atuar na aprendizagem relacionada ao seu contexto.

Sob esse prisma surge a necessidade de uma intervenção pedagógica, no cotidiano da escola aqui estudada, para desenvolver uma profunda reflexão sobre os espaços aprendentes que incorporem na sua itinerância um conjunto de *saberesfazeres*, principalente o “aprender a aprender” (DELORS, 1998) o qual está intimamente ligado a ação educativa ao nível de desenvolvimento do estudante.

Neste sentido Ausubel, na interpretação de Moreira e Masini (1982) sugere que os alunos realizem atividades significativas por eles próprios, dando oportunidade ao surgimento do aprender a aprender, no decorrer serão desequilibrados, encontrando conflitos cognitivos durante a caminhada, porém são os desequilíbrios constantes a partir das atividades que darão subsídios ao (re)equilíbrio.

A aprendizagem oferece compreensão, uma vez que percebe-se o onde e quando utilizar o conhecimento construído. Atribuimos desta forma, significado ao que foi aprendido, criando vínculos importantes entre as novas aprendizagens, modificando o processo do conhecimento. Por isso as ideias de Ausubel se concatenam com uma reflexão sobre a aprendizagem escolar e o ensino, o que vai incidir, portanto, sobre o planejamento.

Costumizar uma relação entre as estruturas cognitivas dos estudantes, desafiando o professor a conhecer estas estruturas para contribuir positivamente com a interação entre o conteúdo a ser aprendido e o que o estudante já sabe representa o que Ausubel(1968) dá o nome de princípio da reconciliação interativa, que ocorre quando o professor explicita as semelhanças e diferenças entre ideias encontradas nos vários contextos.

Disso surge a importância de buscar conceitos amplos para superar a fragmentação das unidades de ensino, compreendidas por muitos como pronta, acabada, fechada que impede a visão da totalidade das disciplinas. Nesta tessitura os espaços aprendentes da escolar denotam um currículo que privilegie a abordagem do conhecimento em espiral que se interrelacione entre as diversas disciplinas dos diferentes professores, iniciando assim a construção do conhecimento como uma responsabilidade do coletivo da escola.

Pensar em espaços aprendentes da escola pode ser o ponto de partida para um caminho a ser trilhado, em que abrem-se portas, janelas, possibilidades, movimento para descobrir e construir redes de ideias iniciais a partir de reflexões pessoais e coletivas, as quais poderão provocar, deflagar o que está por vir, criar o que não existe.

Durante os tempos/espacos de planejamentos elencam-se caminhos, temas, eixos, ideias que permearão o trabalho futuro. Assim, é importante considerar o tripé: o contexto local, as estruturas cognitivas de cada estudante e as identificações dos conceitos amplos e fundamentais das diversas áreas do conhecimento.

Diante desses saberes, questionamos os professores da escola José Francisco Nunes sobre *como os espaços aprendentes são pensados e a partir de que disparadores?* Percebemos que os professores sentem dificuldade em planejar de modo que permita ao estudante se auto estruturar e desenvolver sua aprendizagem.

Ao acompanharmos os momentos de planejamentos dos professores, entendemos, como foi visto, que os ditos "planejamentos" são na verdade planos de aula. A que a ação de elencar conteúdos e objetivos conceituais, não significa planejamento. Então, *como pensar em estudante que se auto estrutura que para Coll (1994) é a interação com o objeto de conhecimento a partir da relação entre o professor e o estudante, se são planejados apenas conteúdos para serem transmitidos?*

Partindo da premissa que a função social da escola é contribuir com o processo da construção de conhecimentos, *como podemos pensar em espaços aprendentes na escola José Francisco Nunes? O que fazer para que os espaços aprendentes se tornem um movimento dos saberes-fazer entre professores e alunos?* Movimento defendido por Nilda Alves (2008) como o modo de construir conhecimentos incluindo o *fazer pensar* em movimentos sincrônicos, que vem à tona a mistura de agir, dizer, criar, lembrar, sentir, surgindo assim a *teoriapráticateoria*.

Neste sentido, os espaços aprendentes passam a ser uma “atividade consciente do homem que conhece uma coisa futura como possível e dependente dele que para isto tende pelo desejo e vontade, e se esforça pela sua realização” (LALANDE apud VASCONCELOS, 2006, p. 81). Existe a necessidade de planejar com e não para, uma vez que professor e aluno são corresponsáveis pela aprendizagem, o que confere autoria ao processo do planejamento, bem como significado às ações planejadas.

Assim, o planejamento se manifesta como um instrumento político porque existe a negociação e pactuação de interesses de sujeitos interessados em fazer proposições de escolhas e tomadas de decisões que expressem as suas opções para transformar uma realidade. Isso é compreendido como “síntese técnico-política” (BUARQUE, 2015), o que é categórico para a compreensão da concepção do outro.

Os espaços aprendentes aqui são compreendidos como um dos fios de transformação da prática educativa, principalmente no que tange ao ensino e aprendizagem, por isso existe a intenção do professor ser mediador e prever as condições necessárias e/ou reais para realizar o que se deseja cumprir com a função social da escola, ou seja, proporcionar a construção de conhecimento enredada não só pela relação entre teoria e prática, mas também por um contexto complexo que envolve anseios e desejos dos sujeitos.

Assim, entende Vasconcellos que,

[...] planejar no sentido autêntico, é para o professor um caminho de elaboração teórica, de produção de teoria, da sua teoria! É evidente que, num ritual alienado, quando muito, o que pode acontecer é tentar aplicar, ser um simples 'consumidor' de ideias/teorias elaboradas por terceiros; mas quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma ferramenta de trabalho intelectual. (VASCONCELLOS, 2006, p. 46).

Indubitavelmente o professor ao planejar os espaços aprendentes, não está apenas (re)produzindo teorias, mas compreendendo o espaço em que ele e os seus alunos estão inseridos, para atuar com competência, construindo a sua teoria, permitindo-se experimentar novas experiências, novas aprendizagens.

O planejamento é um movimento constante para o professor, o que assinala como um “[...] exercício contínuo da ação-reflexão-ação, que caracteriza o ser educador” (FUSARI, 1994, p. 8). Este movimento proporciona ao professor um desequilíbrio que promove, dentro de uma não linearidade, (re)criação, (re)invenção, decisão em busca da sua própria satisfação, assim como a do outro, ou seja, ensinar para que haja aprendizagem. Enquanto planejamento indica movimento, o plano é um produto estático, “[...] os planos passam, o planejamento permanece”. (CASTORIADIS apud VASCONCELLOS, 2006, p. 81).

Assim, o professor é o grande maestro desta interação, pois medeia os diferentes saberes compartilhados entre alunos e professores. Nesta interação constroem vínculos que podem nortear a prática docente, através dos espaços de planejamento coerentes com as necessidades socioculturais, bem como das experiências que os alunos possuem no seu repertório para contribuir com a sua aprendizagem. Menegolla e Sant'anna acreditam que,

[...] no processo de organização do trabalho docente é importante que os professores tenham conhecimento das finalidades da educação e de todos os fatores que estão interligados a esses fins para que possa intervir no processo educacional tendo em vista uma educação libertadora que proporcione condições favoráveis ao crescimento do homem em todos os aspectos. Portanto os educadores ao organizarem sua prática pedagógica devem cuidar para que não transformem o ato de planejar num processo alienante e pré-determinado. (MENEGOLLA e SANT'ANNA, 2008, p. 25).

Dessa forma, os espaços de planejamentos devem proporcionar momento de emancipação, um espaço formado por polifonia de vozes (BACKTIN, 2008). Nesse viés, direcionamos nosso estudo para buscar os espaços aprendentes da escola e compreender sua articulação nos *saberes-fazer*, visto que esses espaços podem proporcionar uma metamorfose na história de todos os estudantes e profissionais da escola.

Schaller (2008) apresenta a ideia de espaço aprendente como um espaço de identidade onde seus habitantes se reconhecem, porém acreditam na necessidade de ser, construindo o espaço, convocando o ser humano com as suas individualidades. Dessa forma, os espaços aprendentes são praticados intencionais porque existem as referências de vida, de mundo. Com base nisso permite uma relação (des)equilibrada com os conflitos e antagonismos que são necessários para produzir o conhecimento.

Sobretudo, as práticas cotidianas darão movimento aos espaços, pois podem ser o ponto de partida para um novo a-con-tecer nos espaços das escolas, visto que serão tecidos e (re)tecidos com os usos e interações existentes. Neste movimento as pessoas que vivem nesses espaços deixarão de ser

enquadradas no currículo engessado e começam a inovar os espaços com a proliferação de saberes-fazer nos espaços aprendentes.

Nesse viés, nós pesquisadoras desejamos que com os resultados dessa pesquisa floresça um projeto de intervenção para sensibilizar os profissionais da escola José Francisco Nunes para os espaços aprendentes, e como esses espaços podem ser cenários de construção de saberes, respeitando o contexto no qual os estudantes estão inseridos e principalmente o quanto os estudantes podem se apropriar e movimentar os espaços aprendentes da escola.

Esperamos que esse projeto de intervenção venha não somente sensibilizar a Escola José Francisco Nunes, mas toda a Rede Municipal de Irecê, pois em consonância com Libâneo; Oliveira e Toschi:

A organização escolar funciona com base em dois movimentos inter-relacionados: de um lado, a estrutura e a dinâmica organizacional atuam na produção de ideias dos modos de agir, das práticas profissionais dos professores; de outro, estes são participantes ativos da organização, contribuindo com a definição de objetivos, com a formulação do projeto pedagógico-curricular, com a atuação nos processos de gestão e de tomada de decisão. (LIBÂNEO 2009; OLIVEIRA 2009; TOSCHI 2009, p. 307).

Pretendemos com esse projeto de intervenção, Espaços Aprendentes: um novo olhar sobre o planejamento das ações pedagógicas, lançar o olhar para toda a Rede Municipal de Irecê, pois como esses estudiosos relatam, não há como separar o fazer do professor com as questões de organização, há uma concomitância entre o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento organizacional.

3 DESVELANDO OS ESPAÇOS NA ESCOLA JOSÉ FRANCISCO NUNES

[...] qualquer pretensão de engessar sentidos ou de estabelecer trilhos de pensamentos a serem seguidos é, sumariamente e todo tempo, violada pelos movimentos das redes cotidianas de *saberesfazeres*, que produzem danças e deslizamentos de significados impossíveis de serem previstos ou controlados.
Carlos Ferrazo.

Estamos imersos em um mundo de transformações que exige cada vez mais um conjunto de *saberesfazeres* para atuar frente aos desafios instituídos pelo cotidiano escolar. Nessa perspectiva tem-se o sujeito ativo como elemento *sine qua non*, para transformar, (re)inventar os espaços escolares tendo a consciência que as incertezas, as subjetividades, as diversidades de opiniões, poderão ser elementos para construir um espaço do agir social, ao qual denominamos neste estudo de *espaço aprendente*.

A Escola José Francisco Nunes, mais especificamente o segmento do ensino fundamental II se impôs como lócus para a realização deste estudo por apresentar em suas memórias de escola da zona rural, projetos que mobilizaram os estudantes para além das paredes das salas de aula, sugerindo possibilidades de estudar como os espaços escolares podem ser espaços aprendentes, permitindo que os estudantes recriem, reinterpretem estes espaços, dando movimento e significado.

A Escola Municipal José Francisco Nunes, situada na Rua dos Crentes, s/n, no Povoado de Itapicuru-Irecê-Bahia, surgiu em 1984, a partir da doação do terreno pelo Sr. José Francisco Nunes, o qual desejava presenciar o progresso da educação no lugar onde morava. A construção da escola era para oportunizar às pessoas prosseguirem com os seus estudos, uma vez que ao chegar às turmas de quinta a oitava série, atual Ensino Fundamental II, os sujeitos paravam de estudar ou estudariam na cidade.

Vale ressaltar que anteriormente à construção da sede da Escola Municipal José Francisco Nunes, seu funcionamento se dava no mesmo prédio da escola Rural de Itapicuru, a qual foi construída em 1979, com o convênio do Projeto Polonordeste, através do Projeto Rondon. Ressalvando que foi a primeira escola a ser construída no povoado, com recursos municipais, mas começou a funcionar na sua sede própria em 1986.

Atualmente, a Escola José Francisco Nunes e o anexo a Escola Rural atende ao ensino fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no total de 340 estudantes e 40 profissionais da educação. Comporta também as modalidades de Educação Especial e de Jovens e Adultos para o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITEC), numa parceria do estado com o município, na qual o mesmo atua com a responsabilidade de ceder o espaço físico, transporte escolar e os professores.

A seguir descreveremos os espaços da escola pesquisada para situar o leitor não somente no contexto físico, mas compreender posteriormente como esses espaços podem vir a se tornar “espaços aprendentes”, onde os saberes e as experiências circulam e se ligam num dado lugar.

Trazemos nossos olhares para os espaços como um elo das redes de relações, na qual cada bifurcação, evento pode se tornar uma ação coletiva, em que atores e autores produzem inteligência, compartilham conhecimento. Nessa perspectiva apresentamos:

3.1 ESPAÇOS EXTERNOS

[...] a subjetividade ou identidade de uma pessoa ou grupo social num dado momento é um palimpsesto temporal do presente, é constituída por uma constelação de diferentes tempos e temporalidades, alguns modernos, outros não modernos, alguns antigos, outros recentes, alguns lentos, outros rápidos, os quais são ativados de modo diferente em diferentes contextos e situações.

Boaventura Santos.



Figura 1 – Entrada da Escola José Francisco Nunes

A escola José Francisco Nunes fica localizada na entrada do povoado, que dá acesso à cidade de Irecê. Todas as manhãs e tardes, principalmente pela manhã, período em que o fluxo é maior, com a movimentação de carros e motos, há uma preocupação constante com a segurança dos alunos, visto que eles percorrem este trecho diariamente, realizando uma travessia sem segurança, enquanto aguardam o momento para adentrar nos espaços da escola.

Neste percurso misturam-se cores e sons: canto de pássaros, buzinas e vozes ecoam para se entrelaçar em uma só sinfonia e realizar a manifestação de um desejo. O desejo de ir ao encontro do outro para cumprimentar, abraçar, encontrar amigos, professores e até quem sabe um porto seguro, inclusive a garantia da alimentação. Observamos que essas características estão bastantes presentes nas escolas rurais.

A grande rampa que dá acesso à entrada pelo fundo da escola é tomada nos turnos matutino e vespertino por estudantes fardados com blusas brancas que, naquela movimentação frenética lembram uma revoada de garças. Ao descerem essa rampa saboreiam a liberdade almejada, como se estivessem criando asas para voar, e então se dispersam pelo jardim que abriga ainda alguns pássaros, misturando os diversos cantos e embelezando o cenário.

Uma diversidade de árvores do nosso bioma, caatinga, frutíferas e ornamentais também está à disposição para contemplação, mas o tempo para apreciar a beleza natural é cerceado pela organização linear dos espaços, incluindo o tempo estabelecido pelo currículo vigente, todos são enquadrados automaticamente, sem considerar os itinerários individuais, mesmo contrariando a proposta curricular adotada pela rede municipal que aponta para o respeito aos percursos formativos individuais nos diversos ciclos de formação.

Percebemos que os passos dos estudantes submergem ao encontro do sentir, ser, aventurar, (re)fazer, (re)criar, espionar, pois de repente tudo é interrompido cotidianamente ao som de uma sirene ou simplesmente sob o comando do inspetor que convoca a todos para se dirigirem às salas de aula. O inspetor acompanha divertidamente, mas apreensivo aos leves e inúteis empurrões dos alunos visivelmente agitados, colocando em teste o colega.

Percorrendo nosso olhar de pesquisadoras, observamos que o pátio da escola que dá acesso à cantina, sala de aula, de professores e direção, que poderia ser um dos mais movimentados espaços aprendentes é frequentado somente na hora da distribuição da merenda. Nos demais horários denotamos isolamento, tristeza; é um caminhar solitário, existe um esvaziamento do lugar; mesmo sendo um itinerário com o cruzamento de muitas pessoas, não ficam marcas, possui característica apenas de território.

Neste sentido, ao se referir a lugar, diz Augé (2003, p. 54) que “[...] Ele é apenas a ideia, parcialmente materializada, que tem aqueles que o habitam de sua relação com o território com os seus próximos e com os outros [...]”. Sentimos que os habitantes “passantes” deste lugar são “[...] habitantes do lugar antropológico não faz história, vive na história [...]” (AUGÉ, 2003, p. 53). O que difere fazer história de viver na história é que neste lugar os alunos nem sempre se vêem construindo uma história, mas vivendo na história construída pelos outros.

Para retornar à sala de aula os alunos percorrem um corredor da escola que dá a sensação de estar em uma prisão, por apresentar em seu cenário apenas a solidão das paredes e uma cadeira ao final, como se alguém ali sentasse para vigiá-los. No corredor não existe empecilho, nada que atrapalhe a passagem das pessoas, mas professores e alunos não exploram este espaço, apenas usam como passagem de um lugar para outros. *Mas como aproveitar melhor esse espaço? O corredor não poderia ser também um espaço aprendente?*

3.2 SALA DOS PROFESSORES

Onde eu estou, senão no rastro da história que venho deixando atrás de mim, naquilo que vem fazendo e dizendo? Onde estou senão nessa biografia que realizo e atualizo a cada instante por meio das minhas decisões e do meu empenho? Hoje já não me importo mais se sou diferente dos outros, mas se faço alguma diferença neste mundo.
Critelli.



Figura 2 – Sala dos professores

Caminhando pelo pátio entramos na sala dos professores, um ambiente pequeno que acomoda uma diversidade de material, recursos tecnológicos, móveis com disposição estranha devido ao tamanho, objetos de pertences pessoais (capacetes, bolsas, garrafas com água, alimentos, blusas etc.), uma bandeja, xícaras e uma garrafa de cafezinho. Algumas revistas da *Tuperwaere*,

Avon, Natura e Boticário também compõem este cenário e ficam amontoadas sob a mesa destinada à realização dos planos.

A sensação que tivemos, *a priori*, foi que a sala dos professores transformou-se em lugar de depósito para guardar material pedagógico, dificultando a organização individual de cada professor; assim é um espaço que denota melancolia, seja pela manhã ou à tarde, todos subsistem apáticos ao que acontece no seu entorno educacional.

Nos primeiros minutos do início de cada turno, matutino ou vespertino, a mesa é objeto de desejo e disputa, de tal maneira que demarca poder, visto que os professores concorrem ao espaço limitado de cadeiras pela falta de espaço físico. Mas, pouco a pouco a sala é esvaziada; os professores arrumam o seu material e mecanicamente se dirigem à sala de aula, (cada um no seu tempo) ficando apenas os que “planejarão” naquele dia.

No canto da sala dos professores está localizada a mesa da coordenação com *notebook* e impressora, em momentos esporádicos o coordenador troca poucas palavras com os professores “em planejamento”; mais informações do que orientações.

Sendo assim, poderíamos dizer que esses momentos são apenas para se fazer um plano de aula? Como os espaços aprendentes são planejados? Os professores têm consciência desses espaços, se não, como podem pensar sobre esses espaços na escola, para ser um espaço da ação coletiva na construção de conhecimento?

E, assim os sujeitos deste espaço são participantes tranquilos, a partir do silêncio que reina em alguns momentos, ficam presos a realizar os seus supostos planos. O cotidiano da sala dos professores é marcado pelo entra e sai de professores, alunos, funcionários, equipe gestora, pais, mas mesmo indicando este movimento, é amorfa a real utilização do contexto em uso.

As informações sobre os projetos da instituição em andamento, as interações sobre os alunos, porém, a forma maior de trocas e/ou informações é o mural destinado aos professores, o qual percebemos que não funciona bem; os comunicados são digitados e expostos em tamanho doze com um círculo de piloto azul com o seguinte comando: Leiam! Mesmo com este destaque continua de difícil visualização.

3.3 LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos [...] espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou contextos.
Pierre Lévy.



Figura 3 – Laboratório de informática

No corredor que dá acesso às salas de aulas fica o laboratório de informática. Nesse espaço existem 14 computadores; desses, 05 são do PROINFO da Escola José Francisco Nunes, 05 do PROINFO da Escola Rural que não possui um espaço para instalar; dos 4 restantes, 3 foram adquiridos com o Projeto da FAPESB e 1 doado pelo IBS.

O quantitativo de professores que apresenta dificuldade em elaborar um plano com o uso das TIC é considerado grande: dos sete professores pesquisados, três admitem não ter competência, mas se considerarmos o uso das TIC não apenas como uma ferramenta, mas como um mecanismo estruturante para a construção do conhecimento, o número de professores passa para quase sua totalidade em não saber fazer desse lugar um espaço aprendente.

Os professores da escola, em 2009, foram mobilizados para participarem de oficinas que versavam sobre o uso das ferramentas tecnológicas, para agregarem conhecimentos em que todos fossem atores/autores da sua própria história. Para tanto, foi desenvolvido um trabalho de forma diferenciada, com a valorização dos saberes-fazer porque muitos professores ainda resistem a este espaço virtual de aprendizagem.

Tal valorização dos saberes-fazer poderá proporcionar o reencantamento da educação, segundo Assmann(2003) uma das chaves para reencantar a educação está no diálogo transdisciplinar proporcionado pelo uso das TICs, visto que pode superar a exclusão social automática provocada pela transformações.

Ainda Assmann(2003) reencantar a educação está no movimento de vivenciar a vida aprendendo a aprender de maneira que atinja dando sentido de vida a todas as formas de fazer, uma vez que os processos cognitivos, bem como os vitais, significam a mesma coisa. Dessa forma, a privação da negação à educação apresenta uma causa “mortis inegável”.

Um dos espaços para reencantar a educação e não privar a negação desta está no laboratório de informática presente cotidianamente na vida da escola, mas as pessoas não se fazem mais tão presentes neste espaço. Ultimamente as máquinas estão solitárias suplicando por presenças que façam a transformação no ensino e aprendizagem. Questionamos sobre o que houve para um laboratório com tantos recursos e uma história de espaço aprendente,

desde 2006, ter se tornado apenas um lugar solitário, invisível no contexto escolar.

É possível fazermos uma analogia a esta situação reportando à mitologia grega quando a Esfinge desafia Édipo "decifra-me ou te devoro",⁴ uma vez que esta é a realidade; podemos ser eliminados, devido a nossa insensatez de querer viver parado no tempo sem condições de decifrar o enigma, o uso das tecnologias em prol da aprendizagem dos alunos.

De acordo, Assmann(2003, p. 78) "[...]se viver é substancialmente uma atividade cognitiva, não há como admitir que toda aprendizagem é um processo que acontece no organismo vivo". Assim, o laboratório apela: sejamos todos decifradores das TIC na utilização das diversas linguagens!

Nesse sentido, é imprescindível que na sociedade do conhecimento, mesmo que de forma acanhada o espaço do laboratório volte a funcionar a todo o vapor, porque nele os processos cognitivos e vitais se conectam formando uma grande rede na construção do conhecimento.

3.3.1 Laboratório - um lugar praticado?

Praticar estes lugares é uma experiência, desenvolver ações de transformação, a partir dessas ações, construir sentido.
Pedro Martins

Diante dos inúmeros e relevantes projetos desenvolvidos com o suporte do laboratório de informática, sentimos a necessidade de trazer alguns projetos dentro da descrição desse espaço. Haja vista, que quando conversamos com os alunos e professores, o laboratório de informática foi um destaque, pois as ações desenvolvidas movimentaram toda a comunidade local e principalmente o interesse dos estudantes, bem como a demonstração de incômodo pela

⁴ Édipo (em grego antigo Οἰδίπους, transl. *Oidípous*) é um personagem da mitologia grega. Famoso por matar o pai e casar-se com a própria mãe. Filho de Laio e de Jocasta, pai de Etéocles, Ismênia, Antígona e de Polinice. (<http://m.brasilecola.com/psicologia/complexeo-edipo.htm>)

situação atual de quase inatividade do laboratório de informática.

O cotidiano possibilita um fazer acontecer na sala de aula conectado com outros mundos, porque é um espaço marcado por vivências pulsantes encontradas nos múltiplos espaços, principalmente com a inserção de vários recursos tecnológicos no fazer pedagógico. Pensando na inserção desses recursos para o a-con-tecer das aulas, o laboratório de informática da escola pesquisada foi um importante aliado para despertar a curiosidade entre professores e estudantes.

Nesse a-con-tecer o campo o fértil foi diálogo a partir da interação que gerou a curiosidade, visto que, o parir da curiosidade conduziu todo o processo em suas entrelinhas. Eis o posicionamento de Assmann sobre tal ponto:

Sob muitos pontos de vista, viver é ao mesmo tempo aprender e curiosar. Coisa que, ao que me parece, só é possível realizar com intensa fruição e prazer. Envolver algo em nossa criatividade significa circum-vivenciar (periengein) esse algo numa explosão nova de formas (ASSMANN, 2004, p.203).

Assmann confere aqui um bom ponto, o qual não havia sido substancialmente discutido ainda, a questão da curiosidade. Sem a curiosidade o que levaria o aluno alunos e professores se envolverem nessas ações? Aqui é necessário ressaltar o fato do parir do saber, porque ele é algo novo, que inquietou outras pessoas para pesquisar.

Hugo Assmann chega a chamar tal processo de arte: “a curiosidade é criativa na medida em que é capaz de inovar as formas das coisas que fazem com que elas sejam precisamente o que elas são. Falar em formas já é falar artisticamente” (ASSMANN, 2004, p.203). Esta curiosidade gerou uma transformação da realidade e nos espaços de aprendizagens, em 2009 houve a implantação e implementação da rádio *web* que foi uma ação do laboratório de informática, acompanhada pelo professor de Filosofia.

Uma das transformações foi a implantação/implementação da rádio *web*, com um simples esquema de som em que os estudantes faziam a seleção das

músicas pelo computador. Possuía uma mesa de som de oito canais e alto-falantes na área interna da escola, era mais utilizada durante o intervalo. O envolvimento dos alunos e a aprendizagem chamaram a atenção da comunidade local, secretaria de educação e outras escolas que vieram conhecer o projeto.

Logo no início, as dificuldades permearam a administração das músicas tocadas, os estudantes queriam apenas ouvir aquelas que lhes interessavam, mas o diálogo foi o instrumento fundamental porque permitiu uma análise das composições preferidas por eles, e concluíram que elas não apresentavam conteúdo, não falavam sobre sentimentos, e sim tratavam da desvalorização do ser humano. Dialogando entre si os alunos entraram em consenso sobre o que tocar, considerando os objetivos propostos por eles para fazer funcionar bem a rádio *web*, atendendo a diversidade existente na escola, com a mente aberta para o novo, pois.

Seria absurdo querer eliminar da nossa percepção do tempo os ciclos e reinícios. Também na educação há ritmos, ciclos, retornos sobre as mesmas coisas. Em todas as formas, porém, a inovação é fundamental. Ainda mais quando as novas tecnologias nos mergulham numa dinâmica inédita, cujas propriedades já tem até nomes bem solenes: conectividade, interatividade, transversalidade (transversatilidade) (ASSMANN, 1996, p.227).

É mister ressaltar que o novo, tanto em nível filosófico quanto pedagógico pode não ser tão novo assim. E, com este propósito não foi ignorado a percepção do outro, assim por esse motivo surgiu a necessidade de abertura para novos diálogos com os alunos, que não chega a ser muito inovador, é apenas incomum.

Foi neste caminhar que a rádio desenvolveu funções educativas e culturais, dar avisos, contar piadas, transcrever textos escritos para a oralidade, obedecendo aos critérios, entrevistar pessoas. Era canal aberto para o mundo. Os estudantes tinham total autonomia para gerenciar a rádio, desde que

obedecessem aos critérios estabelecidos por eles mesmos e pelo professor responsável.

Para o bom funcionamento da rádio toda semana eram desenvolvidas práticas de leitura e escrita significativas, pois falavam para o público da comunidade escolar e, às vezes, até para o público local, por isso exigia um maior rebuscamento na linguagem escrita e falada. Pelos registros da escola os problemas de leitura e escrita foram diminuindo.

O espaço escolar em movimento é como um disparador⁵ de competências, mas, para isto parte da necessidade que o professor sente de ser o organizador para promover ações que proporcionem aos estudantes construir competências intelectuais, cognitivas e sociais. Sendo assim, *a partir de qual viés os professores poderão planejar para possibilitar que os estudantes construam essas competências?*

É sabido que as pessoas transformam os lugares, bem como os espaços, a depender da sua relação com estes, através de movimentos como se fossem imagens cinematográficas. Pensando assim, o espaço “é um lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes” (CERTEAU, 1998). É com base neste conceito que direcionamos nosso olhar para interpretar os espaços aprendentes.

Desvelando os espaços aprendentes da Escola José Francisco Nunes nos deparamos com o relato de memória sobre a equipe de fotografia criada em 2011 com o propósito de continuidade permanente. Este projeto foi de responsabilidade do laboratório de informática, orientado pelo profissional responsável,⁶ que auxiliava no registro memorialístico da história construída

⁵ Conjunto de critérios que, quando atendidos, inicia a execução de uma tarefa. Os **disparadores** de uma tarefa são exibidos na guia **Disparadores** da caixa de diálogo Propriedades da Tarefa ou Criar Tarefa.

⁶ Esse profissional recebe o nome de Agente de Inclusão.

por todos do espaço escolar, principalmente no momento das atividades realizadas.

Parte desse projeto foi realizado nas chamadas "saídas fotográficas"⁷, com a captura de imagens para o concurso referente às tipologias textuais da descrição e dissertação e ainda a filmagem das cenas do curta metragem da obra de Jorge Amado, Gabriela. Esta foi uma das atividades que os estudantes mais gostaram, pois promoveu a interação entre os profissionais escolares da Escola José Francisco Nunes e de outras instituições de ensino.

A cibercultura chegou na escola com a implementação da política pública de distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional do (ProInfo)⁸ criado com o claro objetivo de inserir e integrar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano escolar, diminuindo a distância entre as áreas de conhecimento, com a finalidade de interagir e produzir uma rede colaborativa.

O “[...] ciberespaço como prática de comunicação interativa e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual, cada ser humano pode participar e contribuir [...]”. (LÉVY, 1999, p. 126). Assim, nos nossos cotidianos escolares máquinas apenas não são mais interessantes, mas sim, tempos/espacos planejados para a interação e construção de uma rede colaborativa que proporcione aos estudantes a produção de conhecimento a partir das informações.

O movimento da cibercultura foi fortalecido, precisamente de 2009 a 2013, a partir do Projeto aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESB) intitulado "O uso das tecnologias da informação e comunicação da/na Escola

⁷ Foram passeios realizados nas ruas do Povoado de Itapicuru-Ba, para capturar imagens temáticas.

⁸ Programa Nacional de Tecnologias Educacional, Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997.

Municipal José Francisco Nunes” passa a ser fortalecida com a parceria firmada em 2010 a 2013 entre Município e o Instituto Brasil Solidário (IBS).⁹

A escola José Francisco Nunes foi um cenário vivo para a pesquisa, uma região de inquérito¹⁰ para professores, pesquisadores e bolsistas, alunos da própria escola e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), um espaço de produção de *saberesfazeres* colaborativos. De acordo com Lima,

[...] o espaço não é apenas o lugar da imaginação poética: ele é também fruto de conhecimentos objetivos, lugar de relações vitais e sociais concretas, e determinadas por elementos materiais que modificam a sua natureza e qualidade. (LIMA, 1989, p. 14).

E, nessa busca pela transformação dos espaços, mesmo que de forma inconsciente que a escola pesquisada desenvolveu e realizou a Rede de Intercâmbio de Produções Escolares, com o projeto RIPE, de autoria do professor Dr. Nelson Lucca de Pretto¹¹, que contribuiu significativamente para a transformação do espaço, as ações da escola foram compartilhadas com outras cidades da Bahia, a saber, Cachoeira e São Félix.

Essas experiências extrapolaram os muros da escola, visto que, em 2011, através da entrevista concedida por professores e alunos da Escola José Francisco Nunes ao programa Salto Para o Futuro,¹² lançou para o mundo a

⁹ Organização sem fim lucrativo - OSCIP - que tem como princípio o desenvolvimento de programas sociais em comunidades socialmente desfavorecidas com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e baixo IDEB, (Índice de Desenvolvimento de Educação Básica).

¹⁰ Termo cunhado por Roberto Sidnei Macedo ao falar que o pesquisador fenomenólogo busca interrogar sujeitos contextualizados, explora o mundo vivenciado, assim interpreta as “experiências vivida” e esse contexto é uma região de inquérito.

¹¹ Professor Titular da Faculdade de Educação www.faced.ufba.br da Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes (1994), Licenciado em Física (1977) e Mestre em Educação (1985), ambos pela UFBA. Pesquisador do CNPq. Membro titular do Conselho de Cultura do Estado da Bahia (2007- 2010). Pesquisador visitante (pós-doc) do Theory, Culture and Society Centre na Universidade Trent de Nottingham/Inglaterra (2008/2009) e do Centre for Cultural Studies de Goldsmiths College/Universidade de Londres/Inglaterra (1998/1999).

¹² Programa dirigido à formação continuada de professores e de gestores da Educação Básica, integra a grade da TV Escola (canal do Ministério da Educação). O Salto é mais do que um programa de TV. Conta com um site no qual se encontra disponibilizada a publicação

experiência do uso das tecnologias da informação e comunicação na Escola. Este projeto floresceu para um artigo, produzido pelas mestrandas¹³ do Mestrado Profissional da UFBA que foi aprovado para ser apresentado no Terceiro Conecte da UNEB em outubro de 2014.

3.4 BIBLIOTECA

Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos.
Jorge Larrosa



Figura 4- Biblioteca

A biblioteca da Escola José Francisco Nunes fica na Praça do Povoado de Itapicuru, a uma distância de 500 metros da escola, atende aos estudantes e às pessoas da comunidade. Tivemos acesso a relatos que trazem à lembrança tempos em que a leitura não era instituída, porém, experimentada pelo prazer e os leitores eram autônomos, se sentiam livres para ler ou deixar de ler!

No entanto, atualmente há pouca frequência por partes dos estudantes e comunidade, deixando a biblioteca sem movimento, sem vida, sem imaginação. Quando questionamos sobre o porquê da biblioteca está desta maneira, os

eletrônica Salto para o Futuro (ISSN 1982-0283) e onde são promovidos debates em rede. A entrevista citada está disponível em www.youtube.com/watch?v=libtdbaFfo

¹³ Joelma Portugal e Jucileide Pereira Nunes Lima.

professores não souberam explicar. Os relatos a seguir dos professores sobre a biblioteca, demonstram um tom de saudosismo. *Isso nos inquieta, pois, os professores não são também sujeitos que desencadeiam movimentos aos espaços escolares?*

O município de Irecê instituiu o Dia Municipal da leitura¹⁴ para incentivar as escolas a desenvolverem ações voltadas à competência leitora dos estudantes e criou os 30 minutos de leitura coletiva, ou seja, minutos em que toda a escola parava, estudantes e profissionais da escola, para ler o que cada um desejasse.

Assim, de 2009 a 2013 a escola em estudo desenvolveu ações de incentivo à leitura e à escrita em parceria com o Instituto Brasil Solidário (IBS) com premiações para as maratonas de leituras de professores e alunos e, ainda para concurso de escrita. As produções escritas dos alunos ganharam vida pelo mundo, através das redes sociais, *blogs e facebook*.

A Escola José Francisco Nunes até o ano de 2013 alimentou contos e encontros, permeando suas ações pelo espaço da biblioteca escolar, a qual é um cenário que enche os olhos e o coração com as diversas obras que tocam a sensibilidade dos estudantes, que vivenciam diversas experiências estéticas. As obras estão organizadas de modo a atender a faixa etária e aos diversos gostos dos leitores. Tudo contribui para uma leitura agradável, desde a disposição dos livros, dos móveis e abertura da janela literária que traz raios radiantes aos leitores.

O movimento na biblioteca acontecia em maior número no turno matutino, os discentes que estudavam à tarde na escola José Francisco Nunes manifestavam atitudes positivas e receptivas no espaço da biblioteca.

¹⁴ LEI Nº. 901, DE 26 DE MAIO DE 2011. **Art. 1º** Fica instituído no âmbito da Cidade de Irecê, o Dia Municipal de Leitura a ser comemorado anualmente no dia 29 de julho.

Chegavam cedo saudando aos escritores – “Bom dia, Cecília Meireles, Ana Maria Machado, Vinicius de Moraes, Monteiro Lobato, Ricardo de Azevedo...” Era uma saudação oriunda do desejo de ler, de conhecer e dialogar com os escritores. Estava explícito nos olhares.

Era notável o carinho de algumas crianças com os livros que pareciam brinquedos em suas mãos, os dedos deslizavam carinhosamente por entre as páginas. Este contato com os livros é um momento singular na vida de cada criança que se aproxima do universo da leitura para pensar, encantar, descobrir, comparar, refletir, informar, estudar, viajar no imaginário, conhecer, opinar, (re)criar, (re)interpretar.

Todo o movimento provocado pela aproximação com a leitura, segundo Backtin (2008) promove um grande diálogo, as vozes não são isoladas no seu tempo ou lugar, mas interagem entre si, formam uma polifonia.

Os livros que outrora viviam acomodados e empoeirados nos armários da biblioteca, ganharam vida em 2009 com a leitura pelos estudantes para apresentar as diversas linguagens a partir das obras lidas, despertando o prazer em ler. Em 2013 ouve um grande incentivo à leitura, principalmente, através da adaptação da obra de Gabriela de Jorge Amado,¹⁵ com a produção de um Studio durante a oficina de comunicação realizada com o apoio do IBS, que encerrava com um curta, sobre a obra.

Apesar da distância física da biblioteca para a escola, isto não foi empecilho para ser espaço aprendente durante o período de 2009 a 2013. No entanto, percebemos que a biblioteca, a qual nos encantou por sua belíssima história de vivacidade e significância para a comunidade local, passou a funcionar somente no turno vespertino no ano de 2014, tornando-se apenas um "lugar".

¹⁵ Uma das ações em comemoração ao centenário de Jorge Amado.

Dessa forma, indagamos, *qual a importância da biblioteca para o ambiente escolar? A biblioteca não é um espaço aprendente?*

3.5 SALA DE AULA

Ensinar a pensar é ensinar a bailar. E ensinar a pensar não é definitivamente ensinar a ler e escrever, a escutar e a falar? Não é ensinar a bailar com a voz e com a caneta, com os ouvidos e com os olhos?

Jorge Larrosa.



Figura 5- Sala de Aula

Enquanto os estudantes esperam o professor ir para a sala de aula, em meio ao cenário de quadro branco, TV, som, carteiras enfileiradas e mesa do professor (visto que o espaço é exíguo para o número de alunos) normalmente coçam a cabeça, pegam no braço de um, reclamam, gritam, falam alto, procedimentos que nos chamam a atenção, visto que as expressões e gestos demonstram a chegada de um momento não desejado.

Dez minutos após o toque da sirene chega o professor à sala de aula do 8º ano, trazendo na sua bolsa: caderno, livro, *notebook*, apagador, lápis, caneta, borracha e pincel para quadro branco. Logo anuncia: “Quem não fez o dever de casa vai sair da sala e fazer na sala dos professores”. Em seguida interroga: “Quem aqui fez o dever de casa?” Muitas mãos começam a ser erguidas e outras, não, o que faz com que os donos dessas últimas sejam postos para fora da sala e passem a ocupar a sala dos professores, como forma de castigo. Ações similares ocorrem com frequência.

Indagamos-nos sobre qual o motivo desses estudantes não terem feito a atividade. *Que dificuldade conceitual ou procedimental pode ter causado o não*

cumprimento da atividade? O espaço da sala dos professores será um espaço aprendente ou uma sala de castigo ou apenas um lugar comum?

Ressaltamos que nos referimos, neste estudo, ao espaço como uma atribuição de redes de significados formados pela cultura, estética e/ou ideologia. Conforme Leal (2015, p. 3) “[...], as fases, os passos, as etapas, as escolhas, implicam em situações diversificadas, que estão presentes durante o acontecer em sala de aula, num processo de idas e vindas”. Durante essas idas e vindas é que os fios se tecem/destecem/retecem, como diz Manhães (2008), proporcionando um novo pensar ao planejar.

Analisando os espaços e atitudes dos sujeitos escolares, grande parte dos estudantes em sala de aula olha, sistematicamente para o relógio, aguarda ansiosamente o soar da sirene para o intervalo, momento em que todos os estudantes saem apressadamente correndo e empurrando para ver quem chega primeiro na fila da merenda. Esse espaço, conforme Bakhtin (2008) é marcado por um mundo povoado, cada vez mais por uma diversidade de vozes que se misturam com as individualidades se confrontando, através de um jogo de interação sócio-ideológico.

Durante o intervalo os estudantes utilizam alguns dos espaços da escola, a fim de construírem um grande traçado de fios para garantir não só a polifonia, mas também a individualidade de cada um, fortalecendo a identidade. É nítida a alegria dos estudantes, em suas particularidades, quando se expressam e conversam sobre os mais variados contextos, passando a impressão de que o intervalo faz sentido e significado para eles; estão na sua tribo. *Não seria também o momento do intervalo um espaço aprendente? A aprendizagem do intervalo não é válida?*

Percebemos que neste espaço existe um campo de forças, no que se refere à convivência entre os iguais, também é um espaço que oportuniza o fortalecimento das atitudes e valores porque lancham, trocam informações,

jogam, brigam, resolvem problemas, pedem ou não licença, se desculpam ou não, aprendem a ouvir, tomam decisões ou buscam alguém que as tome. Ainda funciona como um termômetro que mede as relações entre si. Em nossas observações encontramos poucas crianças isoladas; a maioria interage e socializa conhecimentos.

Diante desse panorama, entre a descrição e apresentações de espaço aprendentes em momentos estanques e a inércia aparente de um cotidiano escolar que reduz os espaços aprendentes para as quatro paredes da sala de aula sem significância para os sujeitos, professores e estudantes, nos deparamos com o questionamento sobre *o que são espaços e como se constituem os espaços aprendentes?*

4. NA TRILHA DA PESQUISA

Vivemos mergulhados na **globalização**
 Assim seremos nós os professores
 Que buscamos a transformação
 A partir dos espaços transgressores

Cotidianamente passamos por uma **trilha**
 Que nos leva para a esperança
 De encontrar no espaço de planejamento maravilha
 Para aliviar a tensão com uma aliança

Pois é no movimento do **por do sol**
 Que fazemos a celebração
 Da festa que embeleza o arrebol
 Enchendo a todos de alegria e emoção

Todo o encantamento
 Acelera os **neurônios**
 Na busca por conhecimento
 Que trazem desígnios

Para transformar **pensamento**
 Na realidade do devir
 Porque planejar é nascimento
 Provocado pelo agir

Refletido na grande **lâmpada**
 Traz a tona o processo da reflexão
 Proporcionado pela garimpada
 Do cotidiano em conexão

Através dos indícios da **rodovia**
 Encontrados na matéria
 Do futuro o tesouro da inferência
 Pois está nas mãos a carta de alforria

Mesmo sabendo da incerteza
 Montada pelo **quebra cabeça**
 Traz um alívio alicerçado na boniteza
 De um saberfazer emancipado que floresça

Jucileide Pereira Nunes Lima

Trilhar um percurso que possibilitasse adentrar na itinerância do dia a dia da Escola José Francisco Nunes exigiu de nós, na condição de pesquisadoras, a sensibilidade e um rigor na interpretação dos espaços aprendentes escolar. Para tanto, nos embasamos em formulações da fenomenologia para

compreensão e interpretação do cenário vivenciado durante esta pesquisa de mestrado profissional.

Escolhemos realizar a pesquisa fenomenológica por acreditar que, pelo olhar investigativo no campo das ciências sociais e humanas, não há como obter um único viés para interpretação do objeto estudado, assim como para a fenomenologia não há "uma só realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações, a realidade é *perspectiva*" (MACEDO, 2004, p. 47. Grifo do autor).

Ao nos dispormos a estudar os espaços aprendentes na escola, ousamos adentrar na itinerância dos sujeitos pesquisados, por ter itinerância como movimento, assim observar, dialogar, entender, escutar, perceber e interrogar foram os movimentos que permearam o campo de pesquisa e a interpretação dos dados ou informações.

Mergulhamos na fenomenologia para nos desvencilhar dos nossos (pre)conceitos (MACEDO, 2004), haja vista que, por fazermos parte da rede pesquisada, o nosso olhar estava a princípio viciado pela superficialidade da realidade delineada.

Um dos pressupostos por optar pela pesquisa de cunho fenomenológico foi a influência que obtivemos ao estudar os trabalhos desenvolvidos por Sá (2004), nos quais ela, embasada em Galeffi, conjectura sobre a postura do pesquisador. Uma das nossas maiores preocupações estava exatamente na postura, assim como na observação dos sentidos, que sentidos existem nos sentidos, em que sentido há sentidos. Tarefa não tão simples devido a nossa implicação, conhecimentos já (pre)concebidos e (pre)conceituados. Para dialogarmos com nossas angústias, Sá coloca que em uma investigação fenomenológica,

[...] o pesquisador é chamado a construir conhecimento, ter atitude, lançar olhar que permita trazer elementos qualificadores. A metodologia de cunho fenomenológica

descreve estruturas gerais de sentido, não o sentido particular de quem aborda a realidade, mas os sentidos construídos pelos sujeitos que constituem essa realidade. (SÁ, 2004, p.60)

Não obstante, nossa implicação permitiu que fôssemos nos soltando, livrando, desatando os nós que nos impediam de dar um *zoom* na "região de inquérito" (MACEDO, 2004) e desta forma iniciamos nossa pesquisa com a preocupação tanto de observar quanto de interrogar sujeitos contextualizados, conhecer sua vivência, seu modo de agir, seus questionamentos, suas relações interpessoais, seus gestos, suas ações e reações no sentido de querer apreender, evitando as afirmações no labor da hermenêutica.

Quando uma pesquisa assume a postura fenomenológica, cabe lembrar-se da necessidade de interrogar o fenômeno. Antes, porém, é preciso esclarecer o que vem a ser o fenômeno nessa modalidade de pesquisa.

Bello (2006, p.17-18) esclarece que "fenômeno significa aquilo que se mostra" e que a fenomenologia pode ser compreendida como uma "reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra". O que se mostra, porém, mostra-se a um sujeito.

Nos dizeres de Husserl (2006, p. 21), "quando percebemos um objeto, ele sempre nos é dado segundo certo modo de doação ou fenômeno. Podemos variar nossas perspectivas sobre esse objeto, mas ele sempre nos será dado segundo um ou outro modo de doação" Esse "modo de doação" é o fenômeno que o pesquisador fenomenólogo busca compreender.

O fenomenólogo busca o sentido do que a ele é mostrado. Essa busca de sentido, ou a compreensão do objeto, do que é apontado na pesquisa, é o que interessa ao pesquisador. A percepção do investigado é interpretada segundo uma determinada perspectiva, então cada perspectiva, embora diga o objeto investigado, não o esgota. Dessa maneira, o fenômeno, portanto, nunca é

compreendido imediatamente, ou totalmente, uma vez que mostra um aspecto de si enquanto encobre outro.

Devido a isso que o acesso aos fenômenos exigiu de nós, pesquisadoras o cuidado, o rigor e a sistematicidade. Husserl (2006) vem corroborar afirmando que para compreendermos os fenômenos, é necessário percorrer um caminho, um *méthodo*. Neste caminho, ou método, apresentava em si momentos de análise que apontavam à interpretação do que interrogávamos.

Neste caminho, as pesquisadoras colocaram-se diante do fenômeno que buscava compreender e descrever o percebido, ou seja, o encontrado, pretendendo interpretar o que se mostrava. Os seus olhares inicialmente, mesmo que não quisessem, apresentava pautado por teorias explicativas, estava na compreensão pré-reflexiva ou pré-conceitual que se voltava atentamente para a experiência vivida, buscando o sentido do todo. As pesquisadoras, portanto, orientadas pelo sentido do que foi dado na experiência seguiam um caminho que lhes possibilitavam mencionar o que era interpretado.

Vale ressaltar que toda a interpretação oriunda da pesquisa exigiu um compromisso ético para perseguir a interrogação de modo rigoroso e sistemático sempre andando em torno dela, buscando as suas dimensões, as perspectivas que se doaram à compreensão nos dizeres dos sujeitos. Dessa forma, a investigação procedeu de modo atento, considerando todo o percurso do processo da caminhada investigativa, buscando clareza do por que e como.

Inicialmente os dados foram coletados, em seguida, abandonados a maneira habitual de olhar para o investigado, que interrompeu os nossos conhecimentos prévios e realizamos outras leituras acauteladas que nos permitiram o acesso ao sentido do todo que é percebido nos seus dados. Quando na pesquisa descrevemos, os dados foram os discursos dos sujeitos. Esses discursos foram descritos, passaram a ser recebidos, pelas

pesquisadoras, como texto que expressaram compreensões articuladas da experiência vivida de um saber fazer, numa linguagem que se abria à interpretação.

Nessa fase em que o pesquisador está de posse da descrição, realiza uma hermenêutica, buscando mencionar o que compreendeu do que foi dito pelo sujeito, construindo as asserções articuladas ou, colocando na linguagem do pesquisador, o sentido percebido nos discursos do sujeito.

Nesse sentido, Machado (1994) nos informa que, a pesquisa fenomenológica traz os discursos dos sujeitos revelando os significados atribuídos e, na análise ideográfica, o pesquisador busca compreendê-los; busca, portanto, uma interpretação do fenômeno interrogado. Essa interpretação dá ao pesquisador o sentido do todo e ele passa a buscar convergências do que é dito e a proceder a Análise Nomotética.

Afirma Machado (1994, p. 42) “o termo nomotético deriva-se de nomos, que significa uso de leis, portanto, normatividade ou generalidade, assumindo um caráter de princípio ou lei”. Assim, o fenomenólogo, realiza a análise nomotética, procura passar do nível de análise individual para o geral, atribui significados aos aspectos dos discursos dos sujeitos que lhes são significativos, visto que permitem realizar convergências que agregam pontos de vista, modos de dizer, perspectivas, que o levam à compreensão do investigado.

Considerando as convergências dos aspectos individuais, percebidas nos discursos dos sujeitos, levam o pesquisador para uma abertura, dessa forma, grandes regiões de generalidades passam a ser interpretadas pelo pesquisador. Durante a interpretação, o pesquisador constrói o seu discurso e expõe sua compreensão acerca da estrutura do fenômeno que interroga. Nesse momento chega às generalidades pelo movimento de análise e

interpretação. Essas generalidades, porém, não são universalidades sobre o que é interrogado.

Portanto, o que está sendo interrogado, o fenômeno aparecerá nos discursos dos sujeitos, que ao ser o tratada às falas, o pesquisador define qual será o tratamento dado, bem como aos aspectos que mais lhes impressionaram como pesquisadoras, ou seja, o que vem a iluminar “uma perspectiva do fenômeno, considerada a inesgotável abrangência do seu caráter perspectival” (MACHADO, 1994, p. 43) apontando o que buscamos compreender sobre o fenômeno, qual seja: para o sujeito, o que é importante para a sua formação.

4.1 Atividade curricular como procedimento metodológico – A Desconferência

Se por historicizar entendemos puxar os fios, desenovelar, desdobrar as redes ou, ao contrário, enredar fios, a metáfora escolhida ajuda [...] trançar um número infinito de fios, como exige a opção teórica pela noção de complexidade. Alguns desses fios, também chamados conhecimentos, são fornecidos pelo viver cotidiano, em seus múltiplos contextos, tanto como outros são permitidos pelos conhecimentos científicos que vamos adquirindo em pesquisas que fazemos.
Joanir Azevedo.

Interrogar sujeitos contextualizados e compreender a configuração de espaços, levantar concepções de planejamento eram ainda intenções disformes no início de nosso trilhar metodológico, mesmo já tendo iniciado as primeiras visitas de observação na escola pesquisada, daí a importância da inclusão de uma atividade curricular do Curso de Mestrado Profissional como procedimento metodológico da pesquisa.

No terceiro ciclo do curso nos foi lançado o desafio de criar, elaborar, organizar e desenvolver uma atividade que contribuísse com o projeto de pesquisa de todos os mestrandos, no que tange a colher informações, desvelar novos caminhos metodológicos, ouvir as inquietudes dos professores da rede municipal pesquisada e obter o máximo possível de dados para embasar os diversos objetos de pesquisa, tendo como princípio o aprendizado colaborativo.

Foi deliberada assim a realização de uma “Desconferência”, atividade que, como anuncia o próprio nome, propõe mais uma escuta do que a exposição de ideias. Ouvir os professores era, portanto, o nosso maior objetivo, mas criamos e montamos estratégias para ser um encontro inovador, prazeroso e produtivo.

É sabido o quanto é difícil incentivar os professores a participarem de algum evento fora do horário de trabalho e principalmente em dia de sábado, dada a elevada carga horária desenvolvida pelos docentes durante a semana, o que fez aumentar a nossa responsabilidade no desenvolvimento dessa atividade, pois precisávamos reunir o maior número de professores das três cidades envolvidas nesse mestrado profissional ao mesmo tempo.

Nas reuniões de planejamento da desconferência, tivemos a oportunidade de conhecer o projeto do outro colega, montar em conjunto ações que permitissem uma análise geral dos temas, buscamos elementos que contemplassem todos os projetos. Dessa forma, nos deleitamos na construção dessa atividade pela sua dupla função formativa; a cada invenção, *insight* podíamos refletir não só sobre as possibilidades para as nossas pesquisas como também sobre nossa atuação pedagógica, de como é possível reinventar o fazer cotidiano das escolas e com isso ter uma educação pública de qualidade.

Podemos afirmar que esse caminho metodológico foi de suma importância no andamento das nossas pesquisas. Tivemos o cuidado na elaboração das perguntas, pois estas deveriam suscitar a participação e assegurar uma gama de informações necessárias à formulação de um diagnóstico consistente. Essa opção foi fundamental para o resultado do levantamento das informações. O modo como os professores falaram, sem medo de estar certos ou errados, sem preocupação em falar algo para dizer que sabem, enfim, sem censura, possibilitou uma coleta fiel e vasta de informações que contribuiu para o caminhar das pesquisas e dos projetos de intervenção.

Muitas das indagações sobre os espaços aprendentes aqui formuladas foram oriundas das contribuições dos professores entrevistados na desconferência, realizada na cidade de Lapão pelos cursistas do mestrado profissional Currículo, linguagens e inovações Pedagógicas, no dia 23 de novembro do ano de 2014, a qual teve como título: Desconferência do/no Cotidiano Escolar.

A desconferência, ao tempo em que se desenvolveu como uma atividade curricular, coordenada pela Professora Maria Inez Carvalho, foi um dos procedimentos da coleta de dados dessa pesquisa, que nos permitiu ouvir professores de três redes de ensino, Irecê, Lapão e Ibititá. Logo, foi realizada em período concomitante à pesquisa desenvolvida na escola José Francisco Nunes.

O espaço destinado à desconferência se constituiu em uma instalação, espaço este, em que as ideias, sonhos, desejos, concepções, cores, sons, memórias, imaginações, objetos, livros, saberes, invenções, dentre tantos outros artefatos ganharam vida e vieram à tona para disparar ideias sobre evasão na EJA. Dessa forma, surge também uso das TIC na EJA, meio ambiente, ciclo de aprendizagem/ciclo de formação humana, o trabalho do coordenador pedagógico, espaços de planejamento na escola, a diversidade dos saberes e interpretações, o aprovar, o reprovar, o respeito à diversidade, a temporalidade e a espacialidade de cada sujeito, autoria e organização escolar, temas que correspondiam aos estudados pelos mestrandos.

Das pessoas que passaram pela instalação, quase a totalidade saiu emocionada por algo que as fez transcender ao passado e reviver seu tempo de criança, o percurso dos primeiros anos de estudos, os obstáculos enfrentados, as dificuldades e a doce lembrança da saudosa infância. Sentimentos aflorados e sensibilizados para o papel que desempenham hoje, o ser professor ou professora.

Ainda no espaço da "instalação" os professores eram convidados a deixar suas expressões, sentimentos, concepções, crenças, certezas, incertezas e assim delinear um mapa conceitual que foi explorado por nós, mestrandos e mestrandas, idealizadores deste evento, para obtenção de dados para o nosso objeto de pesquisa.

Durante a desconferência foi desenvolvida uma atividade denominada de *World Café*¹⁶. É *mister* ressaltar, que o ambiente para o *world Café* obteve a seguinte estrutura: os mestrandos se dividiram de acordo com os seus projetos, os quais totalizaram quinze títulos; foram dispostos quinze mesas cuja decoração dessas lembrava a cultura regional e as comidas e bebidas típicas da região, as quais deram um toque de gostosura. Cada mesa representava um projeto e os mestrandos responsáveis pela pesquisa mediavam as discussões desencadeadas por perguntas previamente elaboradas, cujas respostas alimentaram os dados para subsidiar a pesquisa.

Com a dinâmica de realizar quatro rodadas de dez minutos, os professores escolhiam dentre as quinze mesas, em qual delas gostaria de fazer suas inferências. A escolha partia pela afinidade ou interesse em discutir os temas propostos por cada mesa, mas respeitando o limite de cadeiras dessas, não sendo permitido a sua retirada ou inserção.

Para os professores se movimentarem de uma mesa para outra, soava um sinal que encantava pelo som de voz e violão de Victor Portugal¹⁷ e Victória Portugal¹⁸ que a cada dez minutos nos faziam viajar pela subjetividade de nossas interpretações e sentimentos. E, assim fomos colhendo todas as

¹⁶ A técnica "World Café" foi proposta por Brown e Isaacs (2007) e é baseada no entendimento de que a conversa é o processo central que impulsiona negócios pessoais e organizações. Seus pressupostos são resumidos como: o conhecimento e a sabedoria necessários para gerar ideias já estão presentes e acessíveis nas pessoas; "a inteligência que emerge quando o sistema se conecta a si próprio de formas criativas" (BROWN e ISAACS, 2007, p. 185); e, além disto, a percepção coletiva.

¹⁷ Estudante do Ensino Médio no Colégio Modelo em Irecê-Bahia

¹⁸ Estudante de fonoaudiologia da Unijorge em Salvador-Bahia

informações, gestos, expressões, com a sede de quem busca respostas para se encontrar em meio a tantos (não) saberes.

Desta maneira, realizamos a "Desconferência: do/no Cotidiano Escolar", com o objetivo de reunir informações sobre os temas pesquisados pelos mestrandos, com contribuições dos professores das Redes Municipais de Irecê, Ibititá e Lapão.

A desconferência foi um trabalho de suma importância para a coleta de dados, visto que este evento foi organizado com um grau de dinamicidade e criatividade, mas sem perder a cientificidade, que permitiu o sujeito pesquisado se despir de tal maneira, que os ranços ou a preocupação em fornecer respostas adequadas ou satisfatórias foram substituídas por naturalidade nas ações e descontração.

Nós pesquisadoras vivenciamos nessa atividade momentos significativos, em que os sujeitos presentes se envolveram nas questões sobre a educação, dialogando e opinando, não na perspectiva de encontrar e/ou obter uma resposta exata, mas analisar o cenário do seu cotidiano com o desejo de intervir positivamente no processo de ensino de qualidade.

Enquanto sujeitos observantes da intinerância dessa desconferência, tivemos o privilégio da suspensão e, assim conseguimos vislumbrar mais de uma centena de professores sedentos por uma educação de qualidade e cheios de projetos, ideias, planos, questionamentos, indagações e uma intervenção para possibilitar que a escola pública não seja apenas um lugar de ensino, mas um "lugar praticado", um espaço de planejamento, em que a diversidade, a temporalidade e a espacialidade sejam respeitadas, e a práxis do professor não seja apenas uma teoria, mas que se naturalize no cotidiano escolar.

Procuramos registrar, por meio de gravadores e pela escrita em nossos diários de campo, as falas dos participantes, as quais embasaram as nossas primeiras

interpretações. Usamos nomes fictícios para identificar as falas, seguidos da sigla *Des, 2014* para enfatizar que foram emitidas durante a desconferência.

Desta maneira, percebemos que os professores pouco conseguem apreender sobre os espaços aprendentes na escola. Ao falarem sobre planejamento se prendem ao plano de aula, limitando-se ao conteúdo e à metodologia. Os professores ora concordavam entre si, ora havia denominadores diferentes. A reflexão sobre espaços aprendentes na escola foi marcada pela fala da professora, Maria que relatou:

*A falta de apoio da equipe gestora e secretaria não permite que o professor saia da rotina da sala de aula, pois os recursos limitam-se a piloto, apagador e xerox.
(Maria, Des, 2014)*

Assim, acreditamos que no entendimento dessa professora os espaços aprendentes se resumem à sala de aula e, esse conceito se estende para os demais professores que estavam presentes no momento da discussão, visto que este tópico foi encerrado com a concordância da fala da professora para quem usamos o pseudônimo de Maria.

Quando foi abordado o tempo/espço do momento coletivo de planejamento, que poderiam ser pensados os espaços de planejamento, os professores nos surpreenderam com as falas categóricas ao afirmarem que esse “*espaço é mais atrativo e utilizado para a comercialização de artefatos do que para planejamento*” (Jucélia, Des, 2014). Os professores sabem que até poderia ser ambiente para compartilhamento das experiências/vivências, para planejamento de novas ideias que proporcionassem medidas que viessem a mudar a educação, visto que há conformidade que a proposta curricular desenvolvida hoje nas escolas, no sistema de seriação e disciplinarização não atende ao contexto atual.

Os professores se angustiam e falam com muita firmeza que o sistema seriado, a disciplinarização dos conteúdos não seduz os alunos. A fascinação, o deslumbramento perpassa pelas novas tecnologias, na rua, na roda de conversa, dentre outros espaços de planejamento criados naturalmente pelos alunos.

Sobremaneira, nos questionamos, se os professores têm essa consciência, *por que não lutam por uma proposta curricular que atenda às exigências cotidianas?* Se nós professores, professoras somos os sujeitos que fazemos a educação, que trabalham teoricamente com a "formação de opinião", com o desenvolvimento do "senso crítico", *como podemos ser sujeitos tão passivos, omissos nos direcionamentos dos nossos trabalhos?*

A sensação dos professores é que eles são uma vitrola e os alunos um *smartphone*, que o livro didático para alguns alunos é um monstro, para outros uma bolinha de papel ou aviãozinho, enquanto para os professores, o livro didático é o seu amuleto. A fala e a preocupação dos professores deixou esse momento tenso, ficou perceptível que existe uma grande vontade por uma mudança de cenário em relação ao processo de ensino e aprendizagem, mas também ficou claro que sozinhos não vão conseguir.

A desconferência proporcionou momento de grande significância na nossa pesquisa e nos remeteu para um estudo sistematizado sobre os espaços aprendentes, os quais estão imbricados com a proposta curricular. Defender e lutar por uma educação pública de qualidade perpassa pelo desejo e coragem de enfrentar, desvendar e reinventar caminhos que atendam ao processo natural do ser humano que busca por respostas que satisfaçam suas necessidades e desejos.

4.2 A OBSERVAÇÃO DE ESPAÇOS E PRÁTICAS

Os saberes e fazeres que procurei são do tipo compreensivo e se entrelaçam aos discursos dos narradores, já que o conhecimento do processo de formação pertence,

antes de mais nada aqueles que se formam.
Luiz Manhães.

No trilhar da nossa pesquisa começamos pela observação dos espaços da escola pesquisada para conhecer o seu cotidiano. Durante doze meses foram realizadas observações uma vez por semana e a cada semana alternávamos o dia da observação, para que tivéssemos a oportunidade de observar não só os espaços, mas também a dinâmica do planejamento dos diversos professores, visto que a cada dia, de segunda a sexta, os professores de uma área de conhecimento se reúnem para realizar o planejamento semanal.

Utilizamos o diário de campo como forte instrumento de registro das observações e nessa condição de pesquisadoras criamos, como já foi dito, uma “região de inquérito” (MACEDO, 2004, p. 49), no sentido de apreender o fenômeno. Foi possível, a partir desse processo, aliado às Conversas com os professores trazidas no item 3.3, compor o cenário da escola descrito na Seção dois.

Durante as observações assistimos a algumas aulas previamente agendadas e outras que solicitamos ao professor minutos antes de iniciar a mesma. Com isso observamos o movimento dos alunos nos espaços internos e externos da escola; participamos dos momentos de planejamento semanal; conhecemos a dinâmica da biblioteca escolar que fica em um local fora da escola.

Entre muitas atividades e práticas observadas focalizamos as mais relevantes para alimentar nossas discussões sobre a escola como um espaço aprendente, a saber: pedimos autorização e obtivemos permissão da professora de língua portuguesa para observamos sua aula. A professora tinha duas aulas geminadas, entramos no início da segunda aula e percebemos que ela havia proposto a dissertação do tema “Publicidade, consumo e meio ambiente”. Os estudantes estavam desde a primeira aula produzindo esse texto, alguns fizeram a primeira escrita e, logo depois a reescrita sem nenhuma intervenção,

outros tantos nada faziam, apenas dormiam sobre as mesas, outros usavam o celular. A atividade acontecia em uma folha de ofício em branco, sem identificação, nem consigna. Conseguimos identificar a atividade, pois o título estava escrito ao quadro.

A professora nos comunicou que a turma era difícil e ainda tinha dois estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEEs), um com distúrbio mental leve e outro disléxico. Essa informação serviu para direcionarmos nosso olhar a esses estudantes e constatar a invisibilidade destes, no ambiente da sala de aula, haja vista que, nenhuma vez durante a aula a professora se aproximou para realizar qualquer tipo de intervenção com esses alunos.

Tocou o sinal e outro professor entrou na sala do 6º ano A, com alguns aparatos tecnológicos: câmera digital, *notebook* e o teclado na mão. Logo, foi solicitada a resenha escrita do filme “Croods”, que o professor havia pedido aos estudantes, na sua última aula, para que fizessem em casa, mas nenhum estudante havia feito.

O professor narrou todo o filme, ação que nos chamou atenção, pois, qual foi a intenção dele em narrar o filme novamente? Percebemos que era para passar o tempo, não existia um planejamento. A cada dez minutos alguns dos estudantes perguntavam: “professor, que hora é esta?”. Ele retornou com uma pergunta: “por que vocês querem saber tanto a hora?”, surge uma resposta inesperada “é porque está chato!”, a resposta é ignorada e o professor prossegue narrando, enquanto os estudantes conversavam sobre outras coisas.

O professor não obtendo o êxito na atividade anterior precisava arrancar algo escrito dos alunos, assim ele solicitou que todos abrissem o caderno e copiassem a seguinte pergunta para trazer respondida na próxima aula, “por que no final do filme a família Crood’s resolveu seguir com Gai até o novo mundo”, o amanhã”?

As observações apontaram que os estudantes não encontraram significado nas aulas, não existiu a possibilidade da construção de conhecimento. Para Adorno (2003) faz-se necessário pensar a educação na perspectiva do devir para buscar a emancipação de todos para interromper a barbárie com conteúdos positivos que emancipem através do movimento da razão.

4.3 CONVERSAS COM PROFESSORES NA ESCOLA

Na pesquisa fenomenológica não há problemas a serem investigados; o pesquisador em suas dúvidas, as quais interroga. Essas dúvidas situam-se numa região de inquérito, na qual se localiza o fenômeno e que se constituirá como uma trajetória de pesquisa.

Ozeneide Machado.

As *Conversas com os professores* na/da escola José Francisco Nunes tiveram início em março de 2014 e prosseguiram até o mês de maio de 2015, envolvendo observações, relatos memorialísticos, entrevistas e reflexões conjuntas realizadas a partir de uma instalação, na qual se simulavam espaços da escola. Mesmo correndo o risco de usar um termo que pode sugerir uma abordagem superficial ou pouco científica, consideramos que a conversa pode ser uma forma de comunicação mais horizontal, haja vista estarmos implicadas com a problemática pesquisada e com o propósito de envolver os professores no compromisso de elaborar e executar um projeto de intervenção.

As observações realizadas deram as pistas para a organização das entrevistas, que foram introduzidas por meio de imagens, as quais foram pensadas a partir das percepções prévias que tínhamos dos perfis de cada professor, diagnosticados no percurso da pesquisa. Desta maneira, escolhemos imagens retiradas da internet e espalhamos em cima da mesa da sala de professores e coordenação, e solicitamos que cada professor escolhesse a imagem que mais se identificava com o seu momento de planejamento.

Os professores analisavam as imagens e a escolha era livre, tivemos o cuidado de expor imagens iguais para não correr o risco de um professor escolher outra por falta de opção. O critério prescrito era que o professor deveria escolher uma imagem que fizesse analogia com o seu momento de planejamento.

Um dos nossos maiores desafios nessa pesquisa é conhecer as memórias dos professores, pois eles, como são os sujeitos construtores do cotidiano, possuem uma riqueza de relatos, fatos, histórias e contribuições que nos ajudariam a interpretar a realidade encontrada. Sendo assim, desenvolvemos outra atividade metodológica para obtenção de mais proposições para o projeto de intervenção que foi elaborado como produto dessa pesquisa.

Diante disso, aproveitamos as reuniões pedagógicas que aconteceram nos dias doze e treze de maio e solicitamos à diretora e ao coordenador para desenvolver uma atividade de pesquisa com o objetivo de levantar proposições para o nosso projeto de intervenção.

Após solicitação e confirmação dos membros da equipe gestora cedendo o tempo/espço, aproveitamos o final da reunião do dia doze, para explicar aos professores o objetivo da atividade que seria desenvolvida no dia seguinte. Assim, às seis horas da manhã do dia treze, nos dirigimos para a escola para arrumar o cenário com a representação dos diversos espaços pensados, pois era preciso arrumar o ambiente antes da chegada do primeiro professor. De início tivemos a companhia dos sons dos grilos e pássaros, tão comuns na zona rural, que por hora alegravam os nossos ouvidos com as suas melodias.

Pouco depois alguns funcionários, da limpeza, começaram a chegar e contribuir com a nossa pesquisa no que se referia à organização do cenário, além de todo o material que levamos, também providenciaram jogos, baú com livros, *notebooks*, câmera digital, filmadora, dentre outras coisas mais.

A instalação foi preparada da seguinte maneira: montamos cenário no pátio da escola, ambiente este, que reproduziu vários espaços e situações visando proporcionar a reflexão sobre a importância dos espaços de planejamento na escola. Os professores entraram nesse ambiente para exploração, sem nenhuma orientação prévia das mestrandas, demos apenas o comando de que podem entrar e explorar.

Deixamos cartazes espalhados com comandos pelos diversos espaços: cantinho da leitura; cantinho de jogos matemáticos; fotos da memória da escola; cantinho da tecnologia; mesas com pratos da merenda e alguns jogos; artefatos de planejamento; cartaz dos 30 minutos de leitura na escola da época de 2009; certificados ganhados pela escola, medalhas; banner IBS.

De posse de todo o material organizamos os espaços pensados/planejados na sala dos professores e no pátio para buscarmos não somente uma reflexão, mas que viessem à tona nas memórias dos professores o que representavam aqueles espaços e como poderiam ser pensados os espaços aprendentes. Para aflorar as memórias e imaginação dos professores a instalação apresentou:

Cantinho da leitura – representava a biblioteca com livros destinados aos diversos públicos leitores, medalhas do IBS que os estudantes receberam na maratona de leitura e concurso de redação, *tablet* recebido como prêmio na maratona de leitura do professor, câmera digital prêmio do concurso de redação dos estudantes. Acima da exposição de todo este material, um cartaz dos trinta minutos pela leitura.

Cantinho de jogos – representando o lúdico, com a exposição de uma diversidade de material: jogos para alfabetizar, jogos matemáticos, bolas, violão e uma ênfase maior no xadrez que era disciplina na escola.

Cantinho da tecnologia – neste estavam expostos cinco *notebooks*, *microsistem*, microfone, filmadora, câmera digital. Este espaço representava o laboratório de informática.

Mesas com pratos da merenda – sobre a mesa estavam arrumadas panelas, copos e talheres. Poderia ser representado o momento de distribuição do lanche ou uma organização futura de distribuição. Esta ficou a mercê da interpretação.

Artefatos de planejamento – a mesa que os professores planejam ganhou uma nova organização diferente do dia a dia. Estavam à disposição globo terrestre, livros didáticos das disciplinas e literários, PCN, proposta curricular, proposta de avaliação da rede, *notebook*, cadernos, lápis, sugestões de atividades para os estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Mesa do coordenador – no canto da sala com impressora, notebook e um caderno com anotações.

Sala de aula – no meio do pátio as cadeiras estavam enfileiradas e logo na frente à mesa do professor com notebook, caderno, porta lápis contendo lápis comum, canetas, réguas, cola, apagador e pincel. O quadro estava representado pela parede branca com os comandos colados.

À medida que os professores iam caminhando pelos espaços, encontravam os cartazes com alguns comandos a serem seguidos para construção de um texto memorialístico: *Que espaços podem ser aqui identificados? Qual a memória que tem desses espaços? Algum ou alguns deles ou todos podem estar relacionados ao planejamento de sua ação pedagógica? Algum ou alguns deles ou todos podem estar relacionados ao planejamento de ação pedagógica da escola como um todo? Pela sua experiência de atuação na escola, o que torna os espaços da escola (o pátio, o corredor, a biblioteca, o laboratório e outros) “espaços aprendentes”? Justifique; O que pode ser feito para que esses*

espaços sejam explorados pedagogicamente? As pessoas podem aprender nos espaços e os espaços podem ser espaços aprendentes?

A partir das 8h30min os professores começaram a chegar e na entrada do pátio estava um cartaz com boas vindas, logo adiante outro solicitando para observar os espaços. Pelo chão estavam espalhados chinelos que encontravam no percurso seguindo para todos os espaços, mas sempre existia um chinelo indo e outro voltando. O primeiro a chegar comentou: *“Humm, o cenário hoje aqui está legal! Traz muita reflexão”*.

Continuamos por ali sem intervir, para deixar os professores à vontade. Uma das professoras fez a seguinte colocação: *Ai quem dera que todos os dias os espaços fossem organizados dessa maneira, em movimento para oportunizar aos estudantes aprenderem com prazer.*

Pouco tempo depois, chegaram os demais professores que olhavam o cenário e se entreolhavam procurando explicação para tudo e fazendo um exercício para registrar suas memórias.

Convidamos os professores a explorar o cenário observando os mínimos detalhes, começando por onde desejassem sala dos professores ou pátio, mas que para escrever o texto memorialístico precisariam se orientar através do que estava escrito nos comandos. Muitos construíram o seu texto, mas não se atentaram para os comandos.

No decorrer das observações na mesa em que estava o material do planejamento ouvimos uma professora que destacou o seguinte: *Há muito tempo que não vejo nem nesta nem em outra escola uma mesa do professor com tanto material de planejamento, tem muito suporte para planejar.* Enquanto falava isso também dizia: *“Não gosto de escrever, gosto mais de falar, mas vamos ao registro escrito”*.

O movimento não foi linear, ao mesmo tempo em que observava um espaço fazia alusão ao outro porque afirmavam que estava tudo interligado. A secretária que está há mais de uma década na escola que chegou cedo e ajudou na organização fez inferências em todos os espaços. Em alguns momentos a secretária fazia interferências no olhar dos professores, parecia que ela enxergava algumas coisas mais do que eles. Como por exemplo, os chinelos que despertaram a atenção de alguns, mas não comentaram, enquanto isso a voz da secretária ecoava: *isso significa o percurso, a trajetória de tudo que aconteceu na escola, assim como eles ora vão ora vem.*

As mesas do professor da sala de aula e do coordenador pouco foram notadas, principalmente, a do coordenador que parecia habitual, a do professor que fica na sala, ao perceber houve o espanto: *Esta mesa é do diretor!* Não compreendemos o espanto porque estava exatamente como a que fica na sala, incluía até o *notebook*, ferramenta individual de trabalho.

Em meio ao silêncio surgiu o comentário do professor que trouxe à tona a importância do uso dos espaços na escola para aprender nele e com ele, principalmente a partir da interação, compartilhamento de conhecimentos. Dessa forma, vem corroborar com o conceito de espaço aqui apresentado por nós, pesquisadoras a partir da ideia de Santos (1997) do espaço como um conjunto de formas, com coisas juntas que se relacionam através do movimento. E, também com Certeau (1998) que o espaço é um lugar praticado que pode se evocar um movimento temporal no espaço a partir dos pontos percorridos.

O movimento da instalação proporcionou através das memórias oral e/ou escrita dos professores, uma tempestade de pensamentos, ideias, crenças, intenções, opções, opiniões, aflições e muitos outros sentimentos, atrelada a suas experiências e histórias.

Para descrição dessas duas atividades, que nos permitiu retirar dados relevantes para a interpretação do nosso objeto, usamos pseudônimos, escolhidos pelos próprios professores. Assim apresentamos:

Trilha



Figura 6 - http://poesiasmodernas-marino.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html acesso em 19/02/2015

Trilha – nascido no ano de 1960, na cidade de Xique-Xique Bahia, cumpre sua carga horária de 20 horas em dois dias. É professor de Língua Portuguesa, graduado em Letras e pós-graduado em Estudos Linguísticos e literários. Trilha recebeu esse nome porque comparou o planejamento com uma trilha, pois acredita que *“todo trilhar tem um caminho, e este quem faz é o indivíduo; no começo é árido, mas depois você tem como escolher qual tipo de flor colher”*.

Analisando e refletindo a instalação, Trilha salienta a importância desses espaços: *a dinamicidade que já ocorreu na exploração da biblioteca, do laboratório de informática, e que olhando agora percebe como o comodismo ou a falta de motivação podem apagar esses espaços do nosso caminhar diário e voltarmos a nossa prática para o fazer somente em sala de aula.*

Trilha relatou que, *quando começou a ouvir falar em espaços aprendentes, não conseguia entender como os espaços poderiam ser espaços aprendentes e muito menos como seu planejamento poderia ser pensado nessa perspectiva. Destarte, observando os espaços da instalação, revivendo situações e*

interligando outras vividas pôde perceber o quanto os espaços internos e externos da escola podem contribuir para a formação cognitiva do aluno, sua autonomia e criatividade.

Os espaços aprendentes representam um percurso histórico e formativo na vida de todos da escola. Representam todo o universo escolar em conexão, através do planejamento coletivo é possível explorar e fazer desses espaços um espaço aprendente, embora não seja tão simples, estamos acostumados e/ou acomodados a reproduzir conteúdo, enquanto deveríamos produzir conhecimento.

Para produção do conhecimento os espaços precisam ser *revisitados, replanejados, repensados para contribuir com o ensino e aprendizagem. É preciso a mobilização dos gestores, estudantes, funcionários, pais para dar vida aos espaços.*

Trilha finaliza suas memórias com a vontade de montar um plano de ação para mobilizar todos os profissionais da escola para explorar de forma planejada os espaços da escola, proporcionando que os mesmos sejam espaços aprendentes.

No entusiasmo de Trilha trazemos as memórias de:



Figura 7 -

<http://umesobretudo.blogspot.com.br/2013/07/as-redes-sociais-aumentam-ou-reduzem.html>

Pensamento – é a professora mais jovem, nascida no Povoado de Itapicuru-Irecê-Bahia, graduada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa. Este pseudônimo surgiu das dúvidas e incertezas que permeiam os pensamentos desta professora sobre o ato de planejar *Pensamentos, questionamentos e dúvidas permeiam o meu planejamento, pois acredito ser importante trabalhar a partir dos conhecimentos dos estudantes. Mas completa que o planejamento se pudesse ser realizado em casa teria mais proveito.*

Apesar de afirmar que planeja a partir das dificuldades dos estudantes, Pensamento é contraditória ao declarar que se pudesse planejar em casa seria melhor. *Melhor para quem? Como essa professora pensa os espaços de planejamento? Qual a importância de se planejar no coletivo?*

Ao revisitar suas memórias, Pensamento diz que: *o espaço que está mais vivo é a biblioteca, pois era notável o prazer proporcionado pela leitura não obrigatória, a partir do incentivo da maratona de leitura e concurso de redação. Lembro-me que os alunos eram incentivados por premiações, contudo, a vontade de ler prevalecia, muitos diziam "leio porque me faz imaginar, viajar, voar para lugares sem sair do lugar". Isso é lindo! Se voltássemos ao tempo...*

Abrimos aqui uma reflexão sobre a fala de Pensamento no parágrafo anterior, pois a mesma relata algo acontecido na biblioteca como se fosse impossível retomar as ações de outrora ou como se não dependesse dos professores, para dar continuidade ou recriar novas situações em que o aluno sinta-se desafiado, instigado à leitura.

Temos observado que os relatos memorialísticos dos professores falam muito de um saudosismo, que nos fazem refletir: *não são os professores que fazem o caminhar no chão da escola? Será que o desenvolvimento de atividades que provocam a construção do conhecimento parte necessariamente pela iniciativa dos gestores? A autonomia, o senso crítico, a reflexão, são apenas adjetivos*

que constituem a literatura dos projetos pedagógicos, mas que não são vivos no fazer de cada sujeito que compõe o cenário escolar?

Pensamento continua suas memórias com a lembrança do laboratório que era outro espaço que fomentava a vontade de aprender, fazer, interagir, produzir conhecimento coletivo e compartilhar através do blog. As produções dos alunos ganharam vida, foram para o mundo. Era muito frequentado no horário de aula com atividades planejadas ou em turno oposto para participar de oficinas também planejadas previamente.

As ruas do povoado, a área interna da escola também foram espaços aprendentes com as saídas fotográficas, se transformaram em objeto de estudo e em cartão postal exposto em congresso do IBS na Chapada Diamantina ao lado de outros de diversos estados e até países.

Todos os espaços podem funcionar conectados, pois é possível sair da mesmice e provocar nos alunos a vontade de buscar, produzir conhecimentos com o uso e exploração dos espaços que promovem aprendizagem.

Pensamento finaliza suas memórias, relatando o quanto estava errada em dizer que se pudesse planejaria sozinha e em casa, pois a riqueza da instalação a fez perceber a importância do trabalho coletivo. E ainda instigando o grupo para o planejamento dos espaços aprendentes e diz que, para isso, é preciso fazer um levantamento dos espaços que os alunos mais gostam. É preciso estudar coletivamente, participar de formação continuada para compreender explorar e inovar no processo de ensino e aprendizagem.

Na continuidade dos memoriais trazemos:



Figura 8 -

<http://neurniosdafca.blogspot>

Neurônios – A professora nascida no ano de 1958 nasceu no Povoado de Baixa Verde de Presidente Dutra-Bahia, licenciada em Biologia e pós-graduada em Metodologia de Ensino e Pesquisa na Educação em Educação Ambiental. Trabalha na escola há 22 anos. Outro pseudônimo não a definiria tão bem, visto que os seus neurônios estão em movimento à procura de novas informações para planejar.

Esta professora relata que preocupações sobre o que planejar para amenizar as dificuldades, as diferenças, o que fazer, quais recursos usar para que haja uma boa aprendizagem são perguntas cotidianas no seu caminhar. Utiliza como referência o plano de ação, pois afirma que *é necessário para executar e organizar o meu cotidiano em sala de aula, um roteiro a seguir, mas sou flexível.*

Neurônio sinaliza para a importância dos espaços aprendentes, mas suas ações são tímidas devido à falta de recursos humanos e materiais. Aponta como sugestão momentos de estudo, organizados de acordo com as necessidades do coletivo.

As memórias de Neurônio sobre a instalação fazem alusão ao passado não muito distante, uma diversidade de espaços pedagógicos. *Os chinelos espalhados apontam a trajetória percorrida de um tempo na educação em que estes espaços encontrados foram planejados pensando na aprendizagem.*

O espaço de leitura era motivador, com a troca de ideias sobre o que leu e realização de maratona de leitura e concurso de escrita, assim também era o laboratório de informática que planejado envolvia os problemas da contemporaneidade, despertando a autonomia dos alunos. O aprender com jogos, principalmente o xadrez foi um momento que os alunos desenvolveram o raciocínio lógico e até a resolução de conflitos surgidos entre eles a partir do movimento, ideias e saberes.

Decidir as coisas no coletivo, talvez seja a oportunidade de fazer a diferença na vida e na aprendizagem dos alunos, outra forma que o espaço poderia ser explorado seria aproveitar a hora da merenda como espaço aprendente, transformando em um self service onde cada um poderia se servir, incentivando os valores e fortalecendo a interação a partir da convivência.

Diante do exposto por Neurônios nos inquietamos mais uma vez, nos nossos estudos, pois quando a professora relata a importância de “*decidir as coisas no coletivo*”. Aqui cabe questionar: *se os espaços aprendentes foram tão significativos, o que pode ser feito para retomada dessas ações e principalmente qual deve ser a postura dos profissionais para assegurar e proporcionar uma educação de acordo com o que acreditam?*

Em meio a tantas indagações, **Globalização** chega nos relatando:



Figura 9 - <http://www.asug.com.br/noticias-em-destaque/> acesso em 19/02/2015

Para mim o planejamento é momento que desafia os professores a transformarem os saberes a partir dos avanços tecnológicos e inovações que caracterizam o mundo atual. Utiliza como referência o espaço de vida dos alunos, pois a partir da realidade dos mesmos podemos atrair a sua atenção para temas que começam no espaço vivido e se amplia para o espaço mundial.

Globalização apesar de saber utilizar diversos recursos tecnológicos, resume suas atividades apenas ao espaço da sala de aula. É perceptível a importância de um estudo sobre o que são os espaços aprendentes e como podem ser explorados para efetivar a construção do conhecimento tanto pelo aluno quanto pelo professor.

Observando a instalação Globalização diz que: *todos estes espaços me fazem voltar à história de um tempo mais ou menos recente, em que os momentos de planejamentos foram coletivos. Consultávamos os parâmetros e diretrizes, o que proporcionava ao professor uma orientação para o fazer pedagógico. Era possível perceber a vontade dos alunos envolvidos em realizar as atividades, tinha a sensação de liberdade, frequentava principalmente a biblioteca, existia o prazer para realizar as atividades, não só devido às premiações, mas os espaços tinham significado.*

Globalização nasceu no ano de 1980 em Serra Preta-Bahia, atualmente reside em Jussara, interior da Bahia, licenciado e mestre em Geografia, percorre duas vezes por semana 45 km para chegar à escola em que trabalha há quatro anos. O período do seu nascimento coincide com o período da evolução das ciências e tecnologias, para alguns teóricos, início da globalização, eis o motivo da escolha do seu pseudônimo.

E falando de globalização eis a **Lâmpada** que na sua timidez traz que:



Figura 10 -
<http://www.epacom.com.br>

Ao observar e explorar os espaços percebi que as memórias existentes naquele cenário estavam escondidas, precisando que a sua história não fosse apenas memória, mas que continuasse viva! Achei cada espaço fantástico, pois fazia parte da memória e da história da escola.

O corredor e o pátio me trouxeram a memória de crianças caminhando brincando, conversando e interagindo umas com as outras, lugar onde os estudantes sentavam para realizar várias brincadeiras e jogos: dama, dominó, correr, esconde-esconde e palco de apresentação das atividades. Eram espaços de formação e informação.

Lembrei-me do xadrez que era uma atração muito importante naquela época, em 2011 e 2012. Os alunos melhoraram o raciocínio lógico e conseqüentemente o resultado em matemática. Percebia no olhar daquelas crianças o quanto elas sentiam prazer em jogar xadrez. Durante os campeonatos não percebiam o tempo passar. Muitos alunos ainda ganharam medalhas de ouro, prata e bronze em todas as competições.

Outro espaço importantíssimo foi à biblioteca com uma linda memória, com os móveis, brinquedos, jogos, livros para todos os gostos. Esta foi uma conquista da escola junto com o Instituto Brasil Solidário (IBS) com o objetivo de incentivar a escolas e a comunidade para práticas de leitura. Assim, foram desenvolvidos vários projetos com o objetivo de desenvolver hábitos leitores e escritores e provocar a vontade de ler aos que não eram ainda leitores.

Também surgiu o Projeto trinta minutos pela a leitura, soletrando e etc. Uma maratona. O desafio foi lançado aos professores, desse modo, o educador que lesse mais livros e fizesse resenha ganharia um tablet e, para o nosso privilégio dentre os dois vencedores, de 12 estados do Brasil, estava a professora Jucileide Pereira da nossa escola, como vencedora do primeiro lugar, com 44 livros resenhados. Esta maratona era para incentivar os educadores a serem exemplo, como leitores.

Quanto ao laboratório foi emocionante quando a escola foi contemplada com um infocentro. Este tinha como objetivo desenvolver uma aprendizagem significativa e um espaço de interação entre todas as pessoas que frequentavam, incluindo a comunidade local.

Até o ano de 2010, em todos os turnos, o laboratório era lotado por alunos, professores e comunidade, havia disputa por um computador para pesquisar, fazer trabalho de faculdade, postar textos produzidos nas diversas disciplinas no blog, usar as redes sociais. Também foi o lugar onde os alunos começaram a ter acesso às ferramentas da tecnologia da informação e comunicação para construir conhecimento.

Cada espaço daquele está presente na minha ação pedagógica, pois promove a construção do conhecimento, a partir de um planejamento. Para que não fiquemos somente nas memórias que fizeram a história da escola é preciso pensar em uma mobilização para funcionar, de maneira ativa, o laboratório, a biblioteca.

As reuniões com a comunidade também são importantes instrumentos para a tomada de decisão, o planejamento precisa ser coletivo e participativo para pensar os espaços de forma conectada com todas as disciplinas, diminuindo a fragmentação do currículo disciplinar, talvez uma organização do planejamento por áreas afins...

Lâmpada é professora contratada, nascida no povoado de Itapicuru-Irecê-Bahia no ano de 1970. Período marcado pela música, política, guerras, ciências, tecnologia, história, televisão. A história do ano do seu nascimento se entrelaça com a sua pessoa, gosta de movimento, principalmente contação de histórias. Graduada em Pedagogia, trabalha na escola há 2 anos, para ela o planejamento é algo muito distante da sua prática, pois apenas consegue seguir os conteúdos do livro didático.

Lâmpada diz que *vive completamente na escuridão, pois relata e pede ajuda no que tange ao planejamento*. Deixou explícita sua fragilidade no planejamento e aponta a necessidade de *ter uma coordenação que a ajude a superar suas dificuldades, o que interfere no processo de ensino e aprendizagem*. Conclui suas memórias solicitando uma formação metodológica.

Para contribuir trazemos:



Figura 11 - <http://paratodos.net.br/2014/05/13/o-enigma-da-mediacao/> acesso em 19/02/2015

Quebra cabeça – é a professora nascida no ano de 1950 no Povoado de Baixa Verde, Presidente Dutra-Bahia, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia, atua nesta escola há 20 anos, organiza o seu trabalho de maneira a interagir com os demais professores para fazer a ponte entre os conteúdos, assim nasceu seu pseudônimo.

Para ela planejamento *não* dever ser isolado, pois é um organismo vivo, flexível, adaptável as diferentes realidades e necessidades que possam surgir, embora seja tudo isso, por si só não é solução para os problemas que surgem ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho.

Quebra cabeça é professora da sala de recursos multifuncional (SRM), afirma desejar participar de um planejamento compartilhado, em que possa construir

novas propostas de ensino, no entanto não compreende como explorar os espaços aprendentes da escola.

Quebra cabeça percebe que a biblioteca foi um espaço de incentivo à leitura e à escrita, o laboratório de informática foi fonte de construção de conhecimento a partir do uso e hoje está totalmente parado. Os jogos, principalmente, o xadrez que já foi tão bem utilizado e explorado em pátios e corredores da escola hoje estão trancafiados em gavetas que precisam ser abertas para aluno e professor.

Temos espaços para explorá-los, o que falta mesmo é planejamento para explorar tudo o que existe! Já imaginou se todos os dias estes espaços na escola fossem pensados e organizados em movimento como estão apresentados hoje nessa instalação?

Tenho certeza de que as aulas teriam mais significado, para isso o planejamento deveria ser coletivo, participativo, trocando ideias com os outros colegas, mobilizar para deixar o laboratório e a biblioteca funcionando, de verdade, estudarmos como os diversos espaços da escola, podem se tornar espaços aprendentes e ensinantes.

Para dialogar e contribuir **Por do Sol** pode ser assim apresentado:



Figura 12 - <http://findwallpaper.info/por+do+sol/>
acesso em 19/02/2015

O professor nascido no ano de 1970, período de transmissão da televisão via satélite é graduado em Ciências Sociais, Sociologia, pós-graduado em MBA em Administração e Negócios e trabalha na escola há 10 anos. O momento que marca o seu nascimento também se consolida com a sua maneira de ser e fazer uso das imagens, cores e movimentos para vislumbrar/deslumbrar o estudante. Compartilha que o *planejamento "transmite a ideia do por do sol com o seu deslumbramento em relação ao conteúdo que devemos trabalhar. Assim, o planejamento desenvolve-se como uma tentativa de ideias (conjuntos, conteúdos) que serão organizados de acordo com as características próprias de cada um"*.

Por do sol é o professor que mais utiliza os diversos espaços aprendentes, no entanto suas ações são tímidas, devido à falta de parceria com os profissionais da escola, para compreender e contribuir no desenvolvimento pedagógico dos mesmos. Por do sol em suas memórias relata um pouco sobre os espaços da escola.

Considerando uma década de labor neste local, posso dizer que os espaços não são mais os mesmos, não devido às mudanças físicas estruturais, mas pela forma de condução do trabalho nesses espaços. No principio tínhamos menos espaços físicos, menos condições e menos material para planejar os espaços com atividades significativas para os estudantes. Praticamente dispúnhamos de poucas salas de aula e até do livro didático era um recurso insuficiente para o número de alunos, mas com pouca coisa, uma televisão, poucos computadores, um CD player, vídeo cassete, um microfone. Assim, mesmo com estes espaços e recursos dávamos vida ao fazer pedagógico.

Individualmente, posso dizer que, apesar de não dispor de muitos recursos tecnológicos de multimídias, conseguíamos otimizar o uso desses recursos utilizados para promover a interação entre todos, dando força e movimento ao ensino e aprendizagem, através da significação dos espaços com os alunos e para os alunos.

O tempo passou e com ele vieram as conquistas de várias políticas públicas (PROINFO, Programa Segundo Tempo, Mais Educação, EMITEC), bem como alguns projetos de grande importância: RIPE, Amigos do Planeta na Escola (IBS), melhorando razoavelmente os recursos tecnológicos para dinamizar as nossas práticas a partir da exploração dos espaços, pensados para que as pessoas aprendam neles e com eles com o movimento que existe.

Para dar condições de exploração dos espaços em prol da construção de conhecimento com a chegada dos programas e projetos, fez-se necessário estudar, passar por uma formação envolvendo principalmente o uso das novas tecnologias para dar significado, produzir conhecimento em todos os espaços de planejamento.

Após a construção do pátio, o corredor ficou mais esquecido, pois as culminâncias das atividades são apresentadas no pátio. A depender do planejamento podem ser transformados em espaços culturais, geralmente são espaços de lazer, de brincadeiras! Pode-se ouvir o outro!

As salas de aula constantemente mudam de layout para adaptar aos diversos planejamentos de acordo com a disciplina e o objetivo do trabalho: ensaio de peças teatrais, oficinas de arte, fóruns de debates, etc.

A área externa da escola passou a ser pensada durante os planejamentos das aulas de meio ambiente, educação física, atividade com os pais e mães, seja de forma educativa ou recreativa.

Enfim, até a comunidade escolar poderá estar, esteve e agora está de maneira mais tímida nos espaços de planejamento, através de saídas fotográficas, campanhas educativas, entrevistas, elaboração de documentário, dentre outros.

Hoje, posso dizer que temos novos espaços e que todos eles podem e devem estar em nossos planejamentos para pensarmos na formação de pessoas com mentes mais abertas e responsáveis pela construção da nossa cidadania.

E concluindo os memoriais dos professores pesquisados, **Rodovia** chega para dizer o quanto os caminhos terão que ser desvendados.



Figura 13 -
<https://thatabox.wordpress.com/>

Rodovia – é um professor nascido no ano de 1980. Os acontecimentos relacionados ao desenvolvimento histórico condiz com o perfil profissional deste professor. O pseudônimo escolhido foi para fazer um paralelo com suas constantes tentativas de seguir em frente; declara possuir boa vontade, mas se enrola nas setas, nas interrogações encontradas no percurso. *O planejamento é uma rodovia que nos aponta vários sinais para entrar e sair no percurso do estudante.*

Observamos que Rodovia resume seu planejar a listagem de conteúdos do livro didático, o que mostra a necessidade *de um projeto de intervenção que estude sobre planejamento.*

Os espaços representados na instalação fazem parte da memória da escola em que biblioteca, laboratório de informática, horta, corredores, a própria sala

de aula com o xadrez foram palcos de construção de conhecimento, eram ligados como se fosse um só espaço.

No entanto, Rodovia sinaliza que *é limitado na metodologia, que se sente incompetente por não trabalhar os conteúdos com os alunos e que tem muita vontade dessa pesquisa resultar em um projeto de intervenção que venha contribuir com as reais necessidades da equipe, para juntos trilhar um caminho embasado em objetivos reais e que principalmente sejam alcançados.* Assim finaliza Rodovia.

Nós, estudantes dessas memórias, percebemos que nos depoimentos dos professores existe muita afetividade, uma vez que são resultados das suas experiências vividas. É notável também que os professores utilizam “estratégias” e “táticas” em todas as suas ações, por simples que fossem sempre tentaram atribuir sentidos e significados ao seu saberfazer. Sentimos isto tanto nas observações quanto nos relatos de memória.

Existe uma diferença entre “estratégias” e “táticas”, de acordo com Certeau (1998), estratégia significa o cálculo das relações de forças que surgem em um momento em que o sujeito possui querer e poder, surgindo assim um querer e poder próprio, enquanto que tática é a ação calculada determinada pela ausência de um próprio e por isso precisa jogar com as imposições para organizar um movimento.

Certamente precisamos ter em conta os sentidos cheios de movimentos considerados por Certeau (1998, p,103) como “...indicadores de consumo ou de jogos de força...” maneiras de falar” fornecem à análise, “maneiras de fazer” um repertório de modelos de hipóteses. Afinal de contas, são apenas variantes, numa semiótica geral das táticas”.

Dessa forma, a cada memória/depoimento percebemos uma conotação maior na tática do saberfazer na habilidade da utilização do tempo e do espaço,

pensando na transformação de espaços aprendentes. Voltando à fala de Por do sol que diz: *para a realização dos planos de aula, propriamente ditos, usávamos uma sala improvisada que era biblioteca, secretaria, almoxarifado, arquivo morto. Neste lugar que as aulas foram pensadas para explorar outros espaços, mesmo de maneira limitada.*

Percebemos as táticas das aulas do professor Por do Sol, não ignorava a limitação dos espaços que ora encontrava, pois determinava uma identidade a cada um. A paisagem apresentada no trecho acima transmite a ideia de acordo com Certeau (1998) que existe uma produção diversa e qualificada com astúcias para se fazer notar não por produtos próprios, porém através da arte de utilizar o que lhe é imposto.

O saberfazer do cotidiano no espaço escolar mobiliza o outro para a transformação, uma vez que se torna referência para uma intervenção inesperada transformando um lugar em espaço. Nesse sentido, os professores poderão transformar os lugares em espaços aprendentes organizados por práticas que se entrelaçam a partir de fragmentos das ações dos percursos que se alteram.

5. PARA ONDE APONTA A TRILHA

O conhecimento que se faz a partir das relações que se enredam ultrapassa a busca de certezas e aceita a incerteza para também superá-la; contra o destino fixado procura a responsabilidade da escola; negando a existência de uma única e privilegiada perspectiva de conhecimento[...]
Luiz Manhães.

Dentro da “região de inquerito” as ações de investigação do/no cotidiano escolar foram percebidas pelos atores do espaço sob diversas (in)compreensões com múltiplas conotações: curiosidade, interesse, (des)confiança, dúvida, avaliação externa, busca pelo saber e fazer. Durante a trilha, os nossos olhares de pesquisadoras se deparavam com outros olhares incomodados dos gestores e coordenadores diante da manifestação explícita dos conflitos, saberes e não saberes.

A atitude de escutar os diversos atores em suas ações cotidianas desvelou uma característica *sui generis* marcada, ainda, nos espaços/tempos de aprendizagem, em que existe uma homogeneidade imputada aos estudantes que não realizam as atividades educativas, a resolutividade disso se restringe à existência da ameaça/punição aos estudantes.

Assim surge a necessidade de analisar todos os espaços, rever conceitos e resignificação para apropriação desses espaços aprendentes, esperando que, com isso, de acordo com Merleau-Ponty (1999), possa ocorrer o desvelamento de subjetividades e intersubjetividades, mostrando especificidades sobre os fenômenos.

As conversas com Trilha, Pensamento, Neurônio, Globalização, Lâmpada, Quebra-cabeça, Por do sol e Rodovia, particularmente, reforçaram a ideia de que o ponto de partida será uma intervenção nos estudos e planejamento dos espaços aprendentes da escola para que de fato seja proporcionada a aprendizagem, pois a forma de como os espaços são pensados/organizados

revela a intencionalidade do professor, levando ao pensamento de que o planejamento será efetuado apenas na sala de aula, através de teorias.

Conforme Vazquez (1977) a teoria sozinha não transforma o mundo, mas contribui com a sua transformação assumida pela responsabilidade das pessoas, que vão fazer transformações com os seus atos reais e efetivos. Assim, os sujeitos poderão (re)significar a sua prática, assumindo compromissos coletivos dentro de um cotidiano escolar, de maneira concreta, com o objeto de estudo, a realidade. Então, pensamos no reencantamento dos espaços aprendentes na escola para atender,

As novas realidades [...] causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes. Não se trata aqui de adaptação do passado, mas de subversão das concepções fundamentais, das formas de abordagem, dos temas de análise. Isso equivale a dizer que mudam ao mesmo tempo o conteúdo, o método, as categorias de estudo e as palavras-chave. Enquanto promessa, o crescimento das possibilidades diz respeito ao mundo inteiro e a toda a humanidade, mas a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas à lei das necessidades [...]. (SANTOS, 1997, p. 8)

E as necessidades de reencantar os espaços parte da premissa de organizar uma nova história que anime, produza efeito na realidade apresentada. Assim como, para satisfazer as necessidades dos sujeitos que nela se encontram, tornando-os *espaços aprendentes*.

Dessa forma, o nosso desafio é propor intervenções que venham contribuir para quebrar paradigmas e mudar o cenário dos espaços, deixando emergir sua condição de espaços aprendentes. O que exigirá formação continuada dos professores sobre o que são espaços aprendentes; como esses espaços podem ser pensados; como a organização curricular interfere nesses espaços; como a comunidade escolar pode fazer parte desses espaços; criar possibilidades que permitam a estudantes e professores serem autores do processo de ensino e aprendizagem. O projeto de intervenção visa criar

indagações para os sujeitos serem transformadores de contextos e produtores do conhecimento.

5.1 ESPAÇOS APRENDENTES

Sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho. Quando olhamos para trás é que damos conta disso.
Mariza Costa.

Ao analisarmos os espaços da escola, percebemos que não são planejados para conceder uma interação maior, pensando nos espaços que promovem a construção do conhecimento. Os espaços são instrumentos poderosos para a educação, mas pouca importância ainda é dada a eles. Para Gandini (1999) os espaços apresentam os traços culturais das pessoas de diversas formas que podem revelar até as influências culturais.

Os espaços contribuem significativamente para trazer à tona as concepções de todas as pessoas que compõem o cenário da escola. Eles estão à disposição para serem explorados, mas nem sempre são considerados como “lugar praticado”. É o que mostram os relatos de Trilha, Pensamento, Neurônio, Globalização, Lâmpada, Quebra cabeça, Por do sol e Rodovia, que trouxeram elementos indicativos de potenciais espaços de planejamento na perspectiva de espaços aprendentes, muitos deles corroborando nossas observações.

Assim, a biblioteca e a sala de informática são mencionadas por três professores como espaços potencializadores de aprendizagens. Uma das falas é de Pensamento, que considera a biblioteca como o espaço mais vivo da escola, ressaltando o prazer proporcionado pela leitura não obrigatória, a partir do incentivo da maratona de leitura e do concurso de redação, quando a vontade de ler prevalecia às premiações.

Globalização lembra a importância do laboratório de informática e declara como foi emocionante quando a escola foi contemplada com um infocentro que tinha como objetivo desenvolver uma aprendizagem significativa e ser um espaço de interação entre todas as pessoas que frequentavam, incluindo a comunidade local. Segundo essa professora *os computadores eram usados para pesquisar, fazer trabalho de faculdade, postar textos produzidos nas diversas disciplinas no blog, usar as redes sociais. Nesse espaço os alunos começaram a ter acesso às ferramentas da tecnologia da informação e comunicação para construir conhecimento.*

Mas não são só os espaços convencionalmente destinados às ações pedagógicas que são citados como espaços aprendentes. O corredor e o pátio da escola são espaços carregados de significados que promovem o compartilhamento de emoções, sensações, expressões faciais e corporais, bem como a socialização implícita e/ou explicitamente de práticas sociais. Por isso, Por do Sol considera que o pátio e o corredor, a depender do planejamento podem ser transformados em espaços culturais onde se pode ouvir o outro.

Já Neurônios dá sentido ao espaço da merenda como espaço de aprendizagens quando afirma que *a hora da merenda poderia se transformar em um self service onde cada um poderia se servir, incentivando os valores e fortalecendo a interação a partir da convivência.* Mas, como são planejados para se tornarem verdadeiros espaços de compartilhamentos dos saberes e da aprendizagem?

Ao serem pensados, organizados, planejados, faz-se necessário considerar que “O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. [...]” (SANTOS, 1997, p. 10). O movimento dos espaços contribui com a interação entre as pessoas deixando-as com a sensação de liberdade para partilhar saberesfazeres, efetivando uma realização social.

Os espaços da escola na sua totalidade em movimento apresentam diversas possibilidades de aprendizagens, considerando a diversidade em uma unidade renovando, (re)interpretando as diversas formas do pensar, ser e fazer para os sujeitos evoluírem ininterruptamente. Visto que os reflexos da diversidade de representações sociais estão presentes, sem haver privações do conhecimento.

De acordo com Assmann (2003, p.22) privar-se da educação na sociedade de hoje é sinônimo de privar-se de vida, usando inclusive um termo bastante intenso, quando diz que privar-se de educação é “causa mortis inegável”, pois segundo ele nenhum ser humano encontrará o seu lugar na sociedade do conhecimento sem certa flexibilidade adaptativa, porque “O mundo está se transformando numa trama complexa de sistemas aprendentes”

Nesse mesmo sentido, o autor continua sua reflexão falando de “nichos vitais”, asseverando que não há vida sem nichos vitais e que estes nada mais são do que ecologias cognitivas, ou ambientes que propiciam experiências de conhecimento. A vida, portanto se baseia em uma persistente e emaranhada rede de processos de aprendizagem, através da dinâmica de continuar buscando a aprendizagem significativa, ou seja, para a vida.

No caminhar por entre os “nichos vitais” da educação, faz-se necessário caminhar por todas as formas que a vida nos oferece, para encontrar a um “reencantamento da educação” através dos saberes-fazer dos/nos espaços aprendentes.

Sendo assim, o espaço além de ser considerado um “nicho vital” também é compreendido como um conjunto de formas, integradas nele todas as dimensões, física, funcional, temporal e relacional, fica evidenciada a compreensão de que os espaços podem ser disparadores de aprendizagens, afirmando-se como um elemento curricular.

Ao descrever toda a dinâmica aprendente dos espaços da escola, três atividades foram destacadas como mais relevantes: a maratona de leitura, o concurso de escrita e os jogos, principalmente o xadrez, que levava os alunos a desenvolverem o raciocínio lógico e a vivenciarem a resolução de conflitos surgidos entre eles a partir do movimento, ideias e saberes, o que nos leva a reforçar que na medida em que os espaços são planejados promovem aprendizagem, pois as práticas cotidianas vêm à tona produzindo significados para os sujeitos da contemporaneidade, que “[...] encontram um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo [...]” (CERTEAU, 1998, p.48).

A cultura contemporânea é expressa pelo que contém nos espaços da escola, através do seu consumo: leitura, internet, publicidade, ludicidade, representações sociais. *Como esses aspectos da contemporaneidade podem ser percebidos no planejamento?*

De acordo com Certeau (1998, p.49) “[...] a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar [...]”. Dessa forma, tudo o que está exposto nos espaços define ou não a aprendizagem, isto porque somos consumidores silenciosos e muitas vezes não damos conta de metamorfosear porque é como se fosse tudo muito habitual e habitável.

Quando fugimos do habitual e habitável percebemos os espaços como “lugares praticados” que ora se compõem ora se decompõem a partir dos seus usos com as diversas interações existentes. Com esta movimentação dos lugares os seus usos deixam de ser uma imposição “[...] abre-se a possibilidade de analisar o imenso campo de uma ‘arte de fazer’ (grifo nosso) diferente dos modelos que reinam de cima para baixo habilitada pela cultura do ensino [...]” (CERTEAU, 1998, p. 86). Estas possibilidades dão asas a imaginação proporcionada pelo prazer de (re)inventar os usos dos espaços a partir do planejamento.

Estas possibilidades de planejar constantemente diversas práticas para usar os espaços proliferam saberes/fazeres, definindo as posições dos estudantes, que saem da melancolia de ser um mero observador para realizar alianças organizadas pelo “poder do saber” oriundas de um coletivo. Nestes espaços lembramo-nos da reciprocidade da produção e multiplicidade dos saberes.

Conforme, Assmann,

Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores de sonhos e de felicidade individual e social. (ASSMANN, 2003, p. 29).

Assmann conduz uma interpelação acima para a insistência de um trabalho com temas em que o cérebro entre em ação, aproximando assim os processos cognitivos e vitais, prazer, afeto, ternura, complexidade, auto-organização, bem como, com outros temas referentes à aprendizagem e seus nichos.

Para tanto, os espaços arquitetados recentemente na escola, depois da reforma física, promoveram uma visão multidisciplinar, a qual pode se concretizar em uma aprendizagem promovida pelos princípios de liberdade e harmonia com a natureza calcada na experiência. Vale salientar que os espaços planejados por si só não garantem a aprendizagem, faz-se necessário reencantá-los para o vir a ser influenciado pelas práticas cotidianas realizadas, contrariando assim o “enigma do consumidor-esfinge” (CERTEAU, 1998, p.94).

Para atender a demanda das práticas cotidianas da escola é importante que os professores, ao planejarem os espaços, percebam como um lugar em movimento, ou seja, “[...] evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou anacrônico [...]” (CERTEAU, 1998, p.100).

O planejamento é a arte que poderá devolver o reencantamento do saber/fazer nos espaços cotidianos da escola. Neste sentido a arte é “[...] um sistema de maneiras de fazer que são ajustadas a fins especiais e que são o produto ou de uma experiência tradicional comunicada pela educação, ou da experiência pessoal do indivíduo [...]” (CERTEAU, 1998, p.101). *Na nossa realidade o planejamento é uma arte? As maneiras de fazer designam arte?*

Diante do questionamento acima, acreditamos que o percurso será construído durante o caminhar, mas para que seja proporcionado o reencantamento implica que cada viajante descubra o caminho, sabendo que durante a viagem haverá uma construção-(des)construção-(re)construção. Tudo isso em um processo em que o sujeito é vivo e participante do movimento produzindo arte.

Partindo desse princípio, os alunos também serão sujeitos autores/atores do seu próprio processo de aprendizagem, sem aceitar as imposições que foram feitas para, mas as que fizeram com.

Assim, os diversos currículos existentes serão negociados, a partir da necessidade e integridade de todos, reconhecendo multidimensionalidade do ser humano.

6. PARA UMA NECESSÁRIA INTERVENÇÃO

Um lugar, através de atualizações das redes de autores que o atravessam é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações das ligações, das associações entre os atores.
Jean-Jacques Schaller.

Durante a realização da investigação na Escola José Francisco Nunes consideramos que o espaço escolar se transformou em um grande leque aberto para as diversas possibilidades de atualizações cotidianas, no que diz respeito ao fazer diferente para transformar todos os espaços da escola em *espaços aprendentes*.

Nesse sentido, precisamos tomar consciência de que muitas de nossas práticas pedagógicas ainda encontram-se fundamentadas no velho paradigma da ciência, numa ciência morta, sem movimento, sem cor, sem cheiro e sem sabor, pois é notável uma separação entre sujeito e objeto. Isso porque somos fruto de a ciência do passado que produz uma escola morta, dissociada do mundo e da vida.

Uma educação sem vida, sem movimento, produz seres incompetentes, incapazes de pensar, de refletir, de construir, ousar, inovar e reconstruir conhecimentos e realizar descobertas científicas. É uma escola voltada para uma educação do passado que separa aprendizagem e vida, que produz indivíduos incapazes de se autoconhecerem, de se compreenderem como fonte criadora e gestora de sua própria vida, como construtores do conhecimento e autores de sua própria história.

Considerando que "Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo..." (WILLIAM BUTLER YEATSA apud ASSMANN, 2003, p.148) foi possível levantar elementos significativos para propor um projeto de intervenção política e operacional dos/nos espaços escolares, a fim de viabilizar não somente o acesso aos espaços da escola para a construção de conhecimentos, mas, no sentido de propiciar uma aprendizagem socialmente qualificada para todos, considerando as diversas manifestações sociais e culturais que estão (in)visíveis nos espaços aprendentes da escola.

O primeiro ponto a ser considerado é que os espaços aprendentes da escola sejam delineados pelo coletivo da comunidade escolar e local, convocando a diversidade de saberesfazeres para transformar o que existe em um verdadeiro prazer, ou seja, a inovação dos espaços aprendentes onde cada um deixa a sua marca para encontrar uma satisfação, em um "(...) espaço, ao mesmo tempo físico e mental, em que se desencadeia o agir social" (SCHALLER, 2008, p. 78).

Como reencantar, (re)inventar/innovar estes espaços – sala de aula, pátio, cantina, laboratório de informática, biblioteca, corredor, sala dos professores... – por nós mesmos, como próprios produtores? Como inovar esses espaços para proporcionar o prazer de estar neles através do reencantamento? Essas indagações foram levantadas pelos professores pesquisados principalmente depois da Instalação que desenvolvemos na escola, quando procuramos dialogar e instigá-los bastante, para que o projeto de intervenção partisse das necessidades do cotidiano e que fosse realmente um projeto para atender uma necessidade, um sonho, um desejo...

Buscamos também um paradigma que reconheça a inexistência de divisão categórica entre o mundo físico e o mundo vivo, entre mente e consciência, razão e emoção, mas ainda assim vale lembrar que vida e mente são elementos constituintes de um processo de grande complexidade e que a vida traz consigo uma rede infinita de nós, de relações, miríades de diversos elementos que interagem uns com os outros, formando uma grande teia infinita.

Nesse sentido, buscamos ainda um paradigma voltado para o desenvolvimento humano que facilite a ocorrência de processos reflexivos, que conceba o conhecimento como um processo de transcendência, diferente do modelo da racionalidade técnica, que existe uma atenção maior para o resultado a ser atingido do que a forma de pensar e resolver os problemas observando o processo de raciocínio desenvolvido.

Na realidade, precisamos de novos ajustes pedagógicos que nos ajudem a reconhecer que é tempo de pensar e fazer uma nova educação, de um novo diálogo, de novas parcerias e de novas alianças. É tempo de novos desafios e de novos valores, do nascimento/inclusão de novas culturas, do surgimento de uma nova consciência, tempo de abertura aos novos saberes-fazer e aos novos tempos que vem se anunciando sempre.

Este anúncio emerge com os espaços sendo pensados e planejados pela comunidade escolar, principalmente pelos estudantes, podem romper com o estigma de que são seres passivos e levá-los a se considerarem sujeitos que pensam, constroem, transformam, ou seja, são agentes de transformação do seu próprio processo de aprendizagem, bem como dos espaços. Isso também implica na diminuição da visão fragmentada e precipitada sobre os espaços, que passam a ser compreendidos na sua totalidade a partir da reinvenção.

É tempo de reencantar a educação, com a reinvenção dos espaços o currículo poderá se fortalecer como processo social em construção do/no contexto das pessoas, e isso faz a diferença nos espaços aprendentes, visto que poderemos vencer os paradigmas cristalizados ao longo dos tempos.

Dessa forma, os estudantes poderão ser autores/atores das suas produções individual e/ou coletiva, tendo o professor como mediador, se todos participarem das decisões sobre o que fazer e como fazer nos espaços das escolas, para transformar todos os espaços em aprendentes, criando condições de novos fazeres.

Para tanto, propomos uma flexibilização no currículo permitindo a articulação dos espaços que promovem aprendizagem, bem como a interação dos sujeitos a partir das referências que possuem, podendo assim surgir o transbordamento dos/nos espaços aprendentes. O que possibilitará, também, uma modificação no Projeto Político Pedagógico, através da adesão de todos.

Vale ressaltar que oficialmente a proposta curricular da Rede de Educação de Irecê é organizada por ciclos de aprendizagem, porém, o que prevalece ainda na prática é a seriação, que dificulta o planejamento de praticar espaços aprendentes. Precisamos fugir da “determinação dos fins” (ENGUIITA, 1989, p. 170). Esta fuga permite o transbordamento de leque de possibilidades a partir das suas vontades e desejos de querer transformar.

Tal diferença estaria no poder de decisão de pensar/planejar melhor os espaços da escola, considerando o *saberfazer* das individualidades, fugindo da submissão de atender ao currículo disciplinar pensado/planejado por outros e em outros lugares, visto que a escola dispõe de uma diversidade de material e espaços que permitem ao professor fugir do que está postulado e a buscar decisões importantes para o seu planejamento.

Dessa maneira, o professor gerencia o seu *saberfazer* considerando o contexto em que os estudantes se encontram inserido. Segundo Sacristán(1998) os professores vão concedendo valor às habilidades e buscam *saberfazer*es adequados para o interesse dos estudantes.

Durante o planejamento dos espaços, o caminho a ser trilhado será construído para que eles ganhem mais vida com as diversas possibilidades relacionadas às disciplinas oferecidas pelo currículo para movimentar todo o “chão” da escola. Para organizar esse planejamento serão pensadas as referências individuais trazidas pelo outro, produtor de uma rede de significados.

Com isso, o resgate ao trabalho por projeto para toda a escola é de extrema importância, pensando tanto na superação da fragmentação entre as disciplinas quanto dos espaços, pois as pessoas não atenderão às vontades alheias e predeterminadas, mas sim da vontade de querer fazer porque partiu de um interesse em comum de grupo que tem habilidades e atrações diferentes por diversas coisas. O despertar do interesse dos estudantes, bem como as inquietudes na participação pelo projeto definem o percurso a ser trilhado, considerando que são os protagonistas da história.

Outra questão importante é que os espaços devem ser movimentados, simultaneamente, ao fazer em sala de aula para que tenham sentido a partir da sensibilidade do olhar do outro, que também auxilia na melhoria da organização dos espaços aprendentes, principalmente aos que estão envolvidos no processo educativo.

Pensando assim, toda a ação será modificada constantemente e todos serão autores/atores praticantes dos espaços aprendentes da escola, uma vez que somos produtores de nós mesmos, capazes de articular os diversos espaços da escola, transformando em espaços aprendentes permanentes. Com essa ideia de articulação dos espaços, deslocamos a lógica da fragmentação não só do currículo, mas também dos espaços da escola e pensamos na ideia de lugar/espaço aprendente defendida por Jean-Jacques Schaller (2008) em que apresenta como um espaço de identidade reconhecido por seus habitantes que têm a necessidade de construir/innovar, convocando os diferentes cognitivos, seu corpo e, reorientando os fluxos já presentes, criando um lugar de prazer.

6.1 UMA INTERVENÇÃO, UM CAMINHO A TRILHAR PARA A PRÁTICA DE ESPAÇOS APRENDENTES...

Quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia e ajuda o barro a que se transforme, quanto à forma que iguala e deforma
Brandão

Pensando nas inquietações que surgiram no grupo de professores, as ações pensadas para um novo caminhar arquitetado a partir dessa pesquisa, o Projeto de Intervenção pode atender as várias direções, trazendo a possibilidade de trabalhar com o conhecimento produzido em larga escala, que pode ser (re)formulado, debatido.

Estas são mudanças consideráveis nos espaços aprendentes, porque os protagonistas envolvidos neste projeto são os próprios professores e estudantes, logo, eles têm a consciência de que juntos formam as diversas matizes no caminhar da história da Escola José Francisco Nunes, sendo capazes de promover mudanças nos espaços aprendentes, assim deixam de ser ostras encasteladas nas suas conchas e começam a liberar criatividade para inovar coletivamente a partir das negociações. Assim,

[...] entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (VAZQUEZ, 1977, p. 2007).

Na verdade, esta transformação que se busca é a dos espaços na escola, pois nos deparamos com um conjunto de ideias coletivas diferentes, carregadas por saberes-fazer que permeiam todo o fazer no espaço do cotidiano escolar, assim como a produção de currículos nos espaços.

Ao se definir o foco da intervenção, foi notável a importância de desenvolver um trabalho coletivo, o qual deve ser fortalecido pela participação dos diversos segmentos da comunidade escolar, haja vista que é um desafio envolver todos os profissionais da educação no processo de transformação dos espaços aprendentes, mas, quando esses são convidados a participarem fazem a diferença no trabalho.

Quando isso acontece existe uma sensação de alívio das tensões, pois todos são corresponsáveis pelo sucesso ou insucesso das ações. Mas a responsabilidade desse trabalho coletivo começa a partir de um planejamento que objetive a transformação dos espaços aprendentes, deixando-os sempre em movimento, como se fossem verdadeiras obras de arte. Para isso buscamos:

[...] A articulação entre os diversos segmentos que compõem a escola... a criação de espaços e mecanismos de participação e exercício democrático das relações de poder colocam-se como prerrogativas fundamentais para a problematização da escola que temos e para a sinalização da escola que queremos [...] (MORAES; OLIVEIRA; DOURADO, 2008, p. 6).

Nessa ótica foi de extrema relevância a participação coletiva dos professores na instalação realizada, uma vez que trouxeram nas suas narrativas o funcionamento cotidiano dos espaços internos das escolas. Estes lugares da

memória são artefatos importantes, pois veio à tona a importância de buscar soluções, através das ações para desenvolver competências que transformassem o espaço escolar onde o fora e o dentro pudessem ser habitados como um ambiente de criação.

“Mas como, a partir do desenvolvimento do espaço virtual, manter um espaço concreto para corpos, um espaço de habitação, de vizinhança, de relações — profissionais e pessoais — e, finalmente, como reinventar o prazer de estar junto?” (SCHALLER, 2008, p. 78).

Assim, para elencar as ações pontuais que foram pensadas pelas pesquisadoras e professores, começamos por considerar como marco zero a *mobilização coletiva da comunidade escolar e local para elaboração de Plano de ação* com vistas a viabilizar todas as demais ações apontadas. Esse primeiro momento envolverá a:

- Realização de diagnóstico coletivo sobre a importância de transformar os espaços da escola em espaços aprendentes que efetivem de fato, a construção do conhecimento. Faz-se necessário repensar todo o processo, refletir sobre o que e como transformar “lugar” em *espaço aprendente*.

Quanto à reinvenção dos espaços, para que propiciem um processo de planejamento compartilhado e possibilitador de aprendizagens, algumas ações emergiram da investigação:

- Reorganizar os espaços na escola, pensando em realizar agrupamentos em que as diversas vozes se entrelacem construindo um espaço polifônico.
- Formar grupos de estudantes, professores, funcionários e representantes de pais para discutir e planejar coletivamente os espaços

da escola; os espaços da escola ganharão vida, a partir dos sonhos e desejos.

- Planejar atividades nos espaços da escola, possibilitando a construção de valores e atitudes solidárias em toda a escola; fortalecendo assim os vínculos identitários.
- Realizar oficinas que oportunizem aos professores e estudantes explorarem melhor os espaços; desenvolvendo a autonomia e criatividade para utilizar os espaços de diversas formas.
- Transformar o espaço/tempo de planejamento da escola em um espaço de formação continuada, assim o coordenador será aliado do professor, orientando-o nas ações e alinhado com o planejamento. Neste sentido não será puramente técnico, mas também político, de negociações, tomadas de decisões.

Quanto ao currículo:

- Privilegiar a flexibilização do currículo permitindo a articulação dos espaços que promovem aprendizagem, bem como a interação dos sujeitos do currículo, levando em consideração as referências de vida e de mundo.
- Reformular o Projeto Político Pedagógico, através da adesão de todos.
- Proporcionar experiências diferenciadas entre os estudantes para colocarem as suas impressões sobre os espaços da escola e o que estes podem contribuir com a aprendizagem.

- Estabelecer contínuas reavaliações sobre a utilização dos espaços pelos estudantes, privilegiando para isso os registros de memória das avaliações realizadas.
- Realizar estudos com vistas à retomada do trabalho por projeto para toda a escola com vistas a superação da fragmentação entre as disciplinas e quanto aos espaços.

As ações pedagógicas podem ser revitalizadas:

- (Res) significar o laboratório de informática, transformando em um espaço produtor de “forças motrizes”, onde professores e estudantes passem a ser atores/autores do seu processo de aprendizagem.
- Transformar a sala de aula em um ponto de partida e de chegada para o ensino e aprendizagem, será um espaço importante para se conectar com os demais, ampliando as possibilidades de o professor provocar o estudante a não ficar acomodado, mas desequilibrando-o para o surgimento de um conhecimento novo.
- Transformar a mesa do professor em um “espaço praticado” com a disponibilização de material que possibilite ao estudante não somente realizar as atividades, mas a interação, construção de vínculos e valorização das emoções e dos gestos solidários entre os alunos.
- Mapear e (re)organizar as competências dos estudantes, profissionais da educação e da comunidade local, considerando a reformulação a que estão expostos os pontos de partida e os pontos de chegada como ação para praticar os espaços aprendentes.

- Pensar e desenvolver planos de aulas úteis, profícuos, fugindo dos padrões burocráticos, que muitas vezes não atendem à necessidade de professores e, tampouco estudantes.

E por fim, a necessária participação da comunidade:

- Trazer a comunidade local para a escola e vice versa, ao menos uma vez por mês para juntamente com estudantes e funcionários voluntários participarem de jogos, palestras, sessões fílmicas, oficinas, etc., estreitando assim os laços entre a escola e a comunidade, bem como fortalecendo os espaços aprendentes com a disseminação de informações para produzir conhecimentos.
- Desenvolver a leitura nos espaços da escola com a socialização das leituras das famílias e dos estudantes (re)significando a maratona de leitura, que antes era somente para estudantes.
- Dar uma nova roupagem à reunião de pais, ao invés de só reclamar da indisciplina dos estudantes, aproveitar o tempo/espaço para apresentação de trabalhos realizados pelos estudantes, fortalecendo as relações entre todos da escola e da família.
- Articular a escola com todos os espaços de aprendizagens, governamentais ou não governamentais, a fim de se destituir a imagem de nicho que é comum às escolas, através de ações que busquem o resgate histórico, cultural e social que integrem a escola, a comunidade e seu entorno.

6.2 CHEGAR A UMA CONCLUSÃO, NÃO! OUTRAS IDEIAS E AÇÕES SURGIRÃO...

Ao descortinar a realidade da escola à comunidade escolar e local, surgirá uma miscelânea de cores, cheiros, aromas, sons, emoções, sentimentos e sensações que poderão trazer à tona muitas outras ações transformadoras.
Jucileide Pereira.

A intervenção a ser realizada, na Escola José Francisco Nunes, com o apoio da comunidade escolar, a partir do gerenciamento dos vários espaços da escola, aponta práticas de planejamento da ação pedagógica que levem em conta os espaços aprendentes na escola, bem como da produção de um currículo que procure compreender o contexto e suas determinações, mesmo através de conflitos e antagonismos. Assim, os espaços poderão ter significados positivos na vida de todos, uma vez que possibilita a cada pessoa ser do seu jeito, com ações mediadas pelas táticas nos diferentes usos reais dos espaços aprendentes.

Os espaços aprendentes surgirão da prática a partir da inovação, uma vez que as pessoas encontram possibilidades de aprender nos sentidos atribuídos a suas referências existentes, pois ao ser protagonistas a criatividade poderá aflorar pelos anseios daqueles que desejam: deslocar, transgredir, burlar e transcender.

Acreditamos com isso gerar mudanças significativas na história dos espaços da escola, para isso faz-se necessário intervir nas estratégias utilizadas pelos professores, como também realizar o acompanhamento pedagógico das ações da escola, principal instrumento subsidiador para replanejar, uma vez que fornece *feedback* sobre o funcionamento dos espaços.

Nesse sentido, para ousar desenvolver ações que extrapolem o que está instituído como ações obrigatórias, a utilização dos espaços (re)significando, faz-se necessário flexibilizar o currículo vigente da Rede Municipal de Educação de Irecê, especificamente da Escola José Francisco Nunes, com a pretensão de que os espaços sejam (re) pensados coletivamente, permitindo o entrelaçamento dos conhecimentos, formando uma grande rede:

[...] através da atualização das redes de atores que o atravessam é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações, das ligações, das associações entre os atores. Cada elo dessas redes pode se tornar um evento, uma bifurcação, traduzindo a inteligência coletiva dos atores e os processos de historização aos quais se submetem as práticas,

as experiências e as ações transformadoras desses atores. Nesse sentido, todo lugar é aprendente. Assim, os lugares se constituem e aprendem ao mesmo tempo em que ensinam e constituem os atores que vivem nele (SCHALLER, 2008, p. 79).

Neste movimento do agir social surge o praticar dos espaços aprendentes, com ações cheias de significados construídos a partir da história de um coletivo de atores/autores que dialogam para (re)descobrir, (re)criar, inovar os saberes-fazer no diversos espaços da escola.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Trad. Tradução Wolfgang Leo Maar. – 2ª ed. Paz e Terra, 2003.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: **Pesquisa no/dos/com os cotidianos das escolas - sobre redes de saberes**. Petrópolis:DP et Alii, 2008.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.

_____. **Reencantar a sociedade: rumo à sociedade aprendente**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem criativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.

AUSUBEL, David. **Psicologia educacional: uma visão cognitiva**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1968.

BAHIA, Lei N º 686/2002. **Sistema Municipal de Ensino. Prefeitura Municipal de Irecê**, 2002.

_____, Resolução nº 01/2007 – **Conselho Municipal de Educação – CME – Irecê**.

_____, LEI COMPLEMENTAR Nº 7, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004. **Estatuto do Servidor Municipal**. Disponível em: http://www.irece.ba.gov.br/pdf/Estatuto_Regime_Juridico.pdf. Acesso em 29 de dezembro de 2013.

_____, LEI Nº. 894, DE 31 DE MARÇO DE 2011 - **Plano de Carreira, Cargos, Funções Públicas e Remuneração dos Servidores do Magistério do Município de IRECÊ**, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BELLO, Ângela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 11.274/96.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL, Lei 11.274/2006. **Ensino Fundamental de Nove Anos, 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

BRASIL, **Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

_____, Lei 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em : 29 de dezembro de 2013.

_____, Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos,** Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em :29 de dezembro de 2013.

BUARQUE. Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável.** Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) 1999. Disponível em: www.iica.org.br/docs/publicacoes/publicacoesiica/sergiobuarque.pdf. Acesso em 22 de fevereiro de 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Trad. Ephariam F. Alves. 3ª ed. Petropolis:Vozes, 1998.

COOL, Cesar. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

DELORS, Jacques (Coord.). **Os quatro pilares da educação.** In: *Educação: um tesouro a descobrir.* São Paulo: Cortez. 1998.

DOURADO, Emanuela O. C. Dissertação de Mestrado – **Interpretando o Movimento: As ressonâncias da formação de professores de Irecê no cotidiano das escolas municipais.** Universidade Federal da Bahia: 2009.

ENQUITA, Mariano. **A face oculta da escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa.** Campinas, SP: Papirus, 1999. 4 ed.

FERREIRA, Aurélio B H. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.** – Curitiba: Positivo, 2011.

FUSARI, José.C. **O papel do planejamento na formação do educador.** São Paulo, SE/CENP, 1988.

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas.** Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em 27/11/2008.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica:** introdução geral à fenomenologia pura. Trad. Márcio Suzuki. 2 ed. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

IRECÊ, **Plano de carreira, Cargos, Funções Públicas e Remuneração dos Servidores do Magistério do Município de Irecê.** Irecê, 2011.

IRECÊ, **Secretaria Municipal de Educação. Proposta de Avaliação dos Processos de Ensino e de Aprendizagem.** Irecê, 2003.

LEAL. Regina Barros. **Planejamento de ensino: peculiaridades significativas.**In:Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** – Trad. Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO. José Carlos; OLIVEIRA. João Ferreira; TOSCHI. Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 8º edição. São Paulo Ed. Cortez, 2009 - Coleção Docência em Formação / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta.

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

MACEDO, Roberto S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004.
 MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. Pesquisa Qualitativa : Modalidade Fenômeno Situado. In: BICUDO, M. A. V. & ESPOSITO, V. H. C. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: UNIMEP, 1994.

MANHÃES, Luiz C. S. Rede que te quero rede: por uma pedagogia da embolada. In: OLIVEIRA, Inês B de ; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como Planejar? Currículo-área-aula**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Karine Nunes de, OLIVEIRA, João Ferreira e DOURADO, Luís Fernandes. **Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação**. Disponível em <http://moodle3.mec.gov.br/ufba/> Acesso em 23 de março de 2008.

MOREIRA, Marco; MASINI, Elcie (1982). **Aprendizagem Significativa - A teoria de David Ausubel**. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

SÁ, Maria Roseli G. de. **Pontos sobre Currículo Escolar. Material didático utilizado para estudos sobre Currículo**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Departamento de Educação I, 2008. Digitado.

_____, **Hermenêutica de um currículo: O curso de pedagogia da UFBA. 2004. 248f. Tese de Doutorado (Hermenêutica de um currículo: O curso de pedagogia da UFBA)**. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

_____, **Itinerâncias em Currículo. In: Hermenêutica de um currículo: O curso de pedagogia da UFBA. 2004. 248f. Tese de Doutorado (Hermenêutica de um currículo: O curso de pedagogia da UFBA)**. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

SACRISTÁN, Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. – 5ª ed. São Paulo:HUCITEC, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Educação; do senso comum à consciência filosófica.** São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

SCHALLER, Jean-Jacques. **Lugares aprendentes e inteligência coletiva:** rumo à constituição de um mundo comum. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZAS, Elizeu Clementino de (Org.). (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. Natal: UFRN/Paulus, 2008.

SERPA, Luis Felipe P. In: **Reunião do grupo de pesquisa educação e comunicação da FAGED/UFBA.** Salvador. Nov. 2000.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro** . São Paulo: Perspectiva, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planeamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.**- São Paulo: Libertad, 2006.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes Ltda, 1998.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1989.